

PUCRS

ESCOLA DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA

CRISTIANO DA COSTA FLORES

IRENES AUSENTES:
um estudo sobre a baixa representatividade do idoso gay

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CRISTIANO DA COSTA FLORES

IRENES AUSENTES:
um estudo sobre a baixa representatividade do idoso gay

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Newton Terra

Linha de pesquisa: Aspectos clínicos e emocionais do envelhecimento

Porto Alegre

2019

CRISTIANO DA COSTA FLORES

IRENES AUSENTES:

um estudo sobre a baixa representatividade do idoso gay

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DEFESA DE TESE

Aprovado em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Regina de Oliveira Heidrich – Universidade Feevale

Dr. Claus Dieter Stobaus – PUCRS

Dr. Juan José Mouriño Mosquera - PUCRS

Dr. Newton L. Terra - PUCRS
Orientador

Porto Alegre
2019

Ficha Catalográfica

F648i Flôres, Cristiano da Costa

Irenes ausentes, um estudo sobre a baixa representatividade do idoso gay / Cristiano da Costa Flôres . – 2019.
96.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Newton Terra.

1. homossexualidade. 2. representatividade. 3. envelhecimento. I. Terra, Newton. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

Dedico esta tese a ti que não se imagina velho,
já que a homofobia te roubou este sonho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

RESUMO

Introdução: A representatividade homossexual se constrói por meio da visibilidade, estabelecendo signos que compõem o imaginário. Estabelecem as instituições, a moral e a sociedade a heterossexualidade como regra, sendo aqueles que as transgridem indivíduos que compõem as minorias sociais. A representatividade, como alimento do imaginário, tem importância fundamental para que os integrantes das ditas minorias encontrem seus pares e se construam como seres existentes. O imaginário do jovem homossexual com relação ao envelhecimento é um retrato de um tempo e avalia a representatividade do homem gay idoso na sociedade. **Objetivo:** Conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais jovens sobre envelhecimento e representatividade **Método:** Estudo de paradigma qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, realizado por meio de sete entrevistas semi-estruturadas com indivíduos que se identificam como homens homossexuais. Os dados foram agrupados em categorias. **Análise e discussão dos dados:** Os depoimentos coletados possibilitaram a problematização da falta de representatividade em categorias baseadas na ausência de modelos de velhice gay, o medo da solidão, a dificuldade de se imaginar idoso, a ausência de uma referência de homem gay de fácil acesso e a autopercepção dos impactos da crise de representatividade. É possível problematizar a baixa representatividade do homem idoso homossexual e seus impactos no imaginário de gays jovens com relação ao processo de envelhecimento e velhice. A baixa convivência de homens gays jovens com idosos gays demonstra a baixa representatividade dos mesmos nos vínculos de convívio e na mídia, somados a presença do estigma do envelhecer solitário. **Considerações finais:** A falta de representatividade de idosos gays envelhecendo de forma ativa e bem-sucedida parece alimentar o estereótipo e discursar favorável ao envelhecimento como depreciativo e fator de isolamento social.

Palavras-chave: Homossexualidade.Representatividade.Envelhecimento.

ABSTRACT

Introduction: Homosexual representation is built through visibility by establishing signs that make up the imaginary. Institutions, morality, and society establish heterosexuality as a rule, being those that transgress individuals that make up social minorities. The representativeness, as food of the imaginary, has fundamental importance so that the members of said minorities find their peers and construct like existing beings. The imagery of the young gay man in relation to aging is a portrait of a time and assesses the representativeness of the elderly gay man in society. **Objective:** To know the perception of homosexual men about aging and representativeness **Method:** Qualitative paradigm study of the descriptive-interpretative type, carried out through seven semi-structured interviews with individuals who identify themselves as homosexual men. Data were grouped into categories. **Analysis and discussion of the data:** The collected testimonies made possible the problematization of the lack of representativeness in categories based on the absence of models of gay old age, the fear of solitude, the difficulty of imagining the elderly, the absence of an easily accessible gay man reference and the self-perception of the impacts of the representative crisis. It is possible to problematize the low representativeness of homosexual elderly men and their impact on the imaginary of young gays in relation to the process of aging and old age. The low coexistence of young gay men with gay elders demonstrates their low representativeness in social bonds and in the media, in addition to the presence of the stigma of lonely aging. **Final considerations:** The lack of representativeness of active and successful aging elderly genders seems to feed the stereotype and discourse favorable to aging as a derogatory factor of social isolation.

Keywords: Homosexuality.Representativeness. Aging.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE.....	11
2.2 GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	13
2.3 HETEROCISNORMATIVIDADE	15
2.4 <i>SAI DO ARMÁRIO, BICHA!</i> CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO LGBT E REPRESENTATIVIDADE.....	16
2.5 LGBTFOBIA.....	18
3 OBJETIVOS	20
3.1 OBJETIVO GERAL.....	20
4 PROBLEMA DE PESQUISA	21
5 MÉTODO	22
5.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO	22
5.2 COLABORADORES	22
5.3 ASPECTOS ÉTICOS	22
5.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	23
6 PERFIL DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO	26
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	27
7.1 <i>UM GAY IDOSO?</i> RELATOS SOBRE REPRESENTATIVIDADE.....	27
7.2 COMO SE IMAGINA VELHO	30
7.3 A SOLIDÃO ACOMPANHADA DO MEDO NO IMAGINÁRIO	32
7.4 A FUTURA TERCEIRA IDADE GAY.....	34
7.5 O CONVÍVIO COM DIFERENTES IDADES.....	36
7.6 IMAGINE-SE IDOSO.....	37
7.7 MEDIDAS ANTI-ENVELHECIMENTO	38
7.8 O QUE É SER VELHO NO IMAGINÁRIO DO GAY JOVEM?.....	39
7.9 IDADE E RELACIONAMENTOS.....	40
7.10 COMUNIDADE GAY	41
7.11 FALTA DE REPRESENTATIVIDADE	42
7.12 EU: JOVEM, GAY E PESQUISADOR.....	44
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46

REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	50
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	52
APÊNDICE C - ARTIGO	53
ANEXO A – APROVAÇÃO COMISSÃO CIENTÍFICA IGG	76
ANEXO B - APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	77
ANEXO C - COMPROVANTE DE SUBMISSÃO	80
ANEXO D –QUALIS E ARTIGO PUBLICADO.....	81

1 INTRODUÇÃO

Vovô e vovó também fazem, mas será que vovô e vovó ou vovô e vovô também fazem? Onde estão os idosos gays? Existe visibilidade e gera representatividade a velhice de um homossexual? Estas obviamente são perguntas provocativas que visam a inquietação do leitor já em um primeiro momento. Estas são questões que norteiam o presente estudo que parte do debate sobre a importância da representatividade como um motor de incentivo ao imaginário do jovem homossexual para a formulação das suas concepções de envelhecimento e velhice. Quantas pessoas idosas você conhece? Quantas destas são homossexuais?

A sexualidade da pessoa idosa vem deixando de ser tabu e está ganhando espaço na literatura científica, nas abordagens dos profissionais de saúde, nas discussões sociais (entre jovens, entre idosos e entre jovens e idosos) e na mídia. A passos lentos o mito da velhice assexuada vai dando lugar a discussões sobre a sexualidade da pessoa idosa, contudo, a literatura ainda predomina em estudos que visam o conhecimento com relação a sexualidade no âmbito heterossexual.

A sexualidade faz parte da existência de cada indivíduo, que é único e plural, em qualquer idade; ela representa um dos aspectos mais heterogêneos da existência humana sendo diretamente ligado a cultura, hábitos e história de vida, educação, estado geral de saúde, autorealização, personalidade e contexto socioeconômico, sendo sempre uma manifestação rica e vital das relações humanas. Na condição de seres humanos, somos seres sexuais e esta sexualidade não tem prazo de validade, permeando o indivíduo ao longo de toda a sua existência, acompanhada ou não do ato sexual. A sexualidade, na forma do desejo sexual e da afetividade tem uma rica variedade de expressões, este estudo tem como eixo central de discussão a sexualidade na forma de expressão da homossexualidade.

O ser humano é biopsicossocial, ou seja, além de um ser biológico, ele está inserido em cultura e sociedade, as absorvendo, questionando ou modificando. Este ser conduz a sua existência baseado em um modelo social e por vezes, elege outro ser humano como referência (de sucesso, de talento, beleza, etc.). Com base nos modelos pauta a sua existência. Este estudo se propõe a questionar jovens homossexuais com relação a seus modelos, as suas referências de envelhecimento e a discutir o impacto da ausência da representatividade do homem gay idoso.

O delineamento qualitativo do estudo, baseado em entrevistas semiestruturadas, compõe a abordagem para estudar um fenômeno ainda pouco abordado pela ciência, em especial, no

campo da Gerontologia Biomédica. Ao partir do desconhecido, a pesquisa qualitativa oferece o cenário e contexto em que um fenômeno ocorre.

O imaginário e o simbólico interferem diretamente nas concepções de saúde, na autoestima e na auto percepção de futuro, conhecer e discutir as culturas que habitam estes territórios é de fundamental importância. A sociedade está em intensa transformação e os novos modelos familiares e as diferentes formas de expressão de gênero e sexualidade não podem ficar desassistidos das discussões científicas e à margem do atual modelo de assistência em saúde. O saber transforma.

O presente estudo justifica-se pelo interesse do pesquisador na área da sexualidade humana e no processo de envelhecimento, pela presença de pouca produção científica sobre o tema no campo da Gerontologia Biomédica, mas principalmente pela necessidade de protagonismo, situando-se assim na linha de pesquisa: Aspectos Clínicos e Emocionais no Envelhecimento. A população LGBT há muito é estudada, e já foi (ainda é) patologizada. Nós queremos estudar a nós próprios, a ciência também é um espaço de poder, então me permito, em primeira pessoa justificar, também, a realização deste estudo como uma forma de protagonismo, de ocupar um espaço onde nós falamos sobre nós à luz da ciência. Sirvam nossas façanhas de modelo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

As expressões êmicas e/ou metafóricas utilizadas de forma articulada junto ao texto teórico são uma aposta particular dos estudos “queer” enquanto estratégias para produzir provocações e subjetivações nas tramas discursivas (POCAHY, 2012). A população LGBT tem discurso em dialeto próprio, conhecido como o Pajubá, mais popular entre a população trans, acrescidos de expressões da cultura pop e memes da internet. Algumas destas expressões foram inseridas no embasamento teórico e nos títulos da análise e discussão de dados de forma provocativa ao leitor, mas também visando a representatividade por meio da linguagem, como por exemplo o termo “Irene” que significa homem idoso gay no pajubá. Boa leitura, segura essa marimba que vai ser bapho!

2.1 ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE

As pessoas acima de 60 anos de idade são didaticamente e juridicamente classificadas como idosas. Esta marca cronológica, embasada na passagem do tempo, no entanto, não delimita exatamente o que é uma pessoa idosa, apenas aponta um marcador: a idade. Ao pensar o envelhecimento em diferentes âmbitos admite-se que a idade possa assumir características variadas. A idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica, à medida que envelhecer não tem uma regra e suas repercussões variam de indivíduo para indivíduo (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007).

Envelhecimento é um fenômeno biopsicossocial e a longevidade uma aspiração, convergem os saberes ao apontar que a meta não é só acrescentar anos a biografia, mas também, qualidade de vida a estes anos (felicidade, conforto, satisfação pessoal, autonomia e independência funcional). Enfatiza-se então o desejo por um envelhecimento saudável e ativo (MEQUITA; PORTELA, 2005). O envelhecimento interfere nas capacidades do indivíduo, na sua forma de se relacionar com o tempo e com a sua história de vida (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007).

Percebe-se que dos múltiplos fatores que envolvem a velhice, a capacidade de determinar e executar os próprios desígnios, ou seja, a autonomia é a que tem sua manutenção mais almejada. A partir da autonomia determinam-se as atividades de lazer, o convívio social e o trabalho. O envelhecimento saudável, na luz desse olhar, passa a ser o resultado da interação entre a saúde física, mental e social (RAMOS, 2003). Segundo a Organização Mundial da Saúde

o envelhecimento ativo é entendido como um processo de otimização de acesso a saúde, segurança e participação social (OMS, 2013).

Vale ressaltar, que na sociedade capitalista, a aposentadoria e o encerramento na produção no mercado de trabalho estão associados fortemente a velhice (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

A gerontologia tem o entendimento que o envelhecimento não é uma decadência, mas sim uma sequência da vida com particularidades e características (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007). Dentre estas características, estão as transformações do corpo. O passar dos anos faz com que o organismo se transforme, diminuindo a força muscular, o condicionamento físico, os tecidos diminuem a sua elasticidade, entre outras modificações (CAPODIECI, 2000).

Estas transformações são vistas como naturais, não sendo consideradas patologias, ao menos que acarretem em prejuízos da funcionalidade. É comum reconhecermos o envelhecimento, pois ele se anuncia pela estética, mas o impacto destas transformações varia conforme formação social e momento histórico, como também pela capacidade de atribuir sentido ao passar do tempo (OLIVEIRA; JESUS; MERIGHI, 2008).

O envelhecimento modifica o corpo, os hormônios e a sexualidade. Estereótipos contribuem para uma visão da velhice como assexuada, esta visão acarreta em consequências, em especial no campo da prevenção em saúde (ABDO, 2004).

Este conjunto de transformações tem importância na fisiologia da sexualidade, além de modificarem as experiências pessoais, influenciam na vida sexual do parceiro. A sexualidade não se refere somente a uma dimensão biológica, mas sim, é um universo dotado de subjetividade, expressão dos aspectos mais íntimos da personalidade (CAPODIECI, 2000). O sexo deve ser considerado como qualquer outra atividade humana e é apenas uma parcela da sexualidade, transcendendo portanto o componente puramente biológico, de reprodução, como uma atividade aprendida, prazerosa e alvo de desejo em diferentes etapas do ciclo vital, não sendo uma prerrogativa apenas do adolescente (HEILBORN, 2006).

Apesar de natural, fonte de prazer, a sexualidade no seu sentido mais erótico permanece cercada de preconceitos, que ficam ainda mais evidentes ao se acrescentarem outros recortes como gênero, idade e orientação sexual, por exemplo (CAPODIECI, 2000).

O mito da velhice assexuada contribui para a manutenção do estereótipo da ausência de atividade sexual na velhice, no entanto os estudos demonstram que a sexualidade se modifica com o passar do tempo, assim, as suas diferentes formas de expressão podem se manter ativas nesta etapa da vida. Este dado, desperta especial interesse para esta pesquisa, já que a sexualidade se mantém presente, é provável que suas múltiplas apresentações

(heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade) estejam presentes na velhice, mas ainda com baixa representatividade e visibilidade para as minorias sociais.

2.2 GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais [LGBT] juntos integram a comunidade LGBT, um movimento social de luta e resistência. Os movimentos sociais são expressões da sociedade civil organizada, como uma forma de protesto contra opiniões, posições e ações avaliadas por estes como injustas (ULBRA, 2008, p. 5).

A sigla LGBT envolve dois grandes campos de expressões individuais, o gênero e a orientação sexual. Facilmente confundidos, gênero e orientação sexual são coisas bastante distintas, sendo gênero conectado a quem você é e como se percebe e a orientação sexual sendo relacionado a por quem este “eu” sente desejo sexual. Os coletivos poetizam a questão, explicando simbolicamente que o gênero está na cabeça e a orientação sexual entre os braços. Portanto as questões relativas a homossexualidade (lésbicas e gays) e a bissexualidade, dentro do movimento, dizem respeito a pauta de orientação sexual e as questões que envolvem a travestilidade e a transexualidade, dizem respeito a pauta de gênero, ou melhor, da identidade de gênero.

Fazer parte de uma minoria social, por definição, expõe que não se faz parte da maioria. O que em si expressa a ideia de ser uma parcela da população que foi excluída e tem agravos nas suas relações de pertencimento. Existe assim, a necessidade de uma postura de proteção a estes sujeitos, resguardando e promovendo diretrizes que diminuam o preconceito e assegurem a preservação e equidade de direitos. Neste sentido, inserem-se as minorias na pasta dos Direitos Humanos (BASTOS; GARCIA; SOUSA, 2017). Pauta-se que as identificações são autoreferidas e não apontadas por um terceiro, como um diagnóstico, portanto não cabe a presente pesquisa definir o que é ser homem e o que é ser homossexual, apenas esclarece-se aqui que o objeto de estudo são as pessoas que se identificam com estes signos, dentro do seu entendimento de pertencimento. Mas, para fins de ciência e problematização, lançamos mão de alguns conceitos:

Identidade de Gênero

Os papéis atribuídos a cada gênero são oriundos das questões culturais, econômicas, políticas e sociais, não meramente de questões biológicas ou sexuais. Portanto, definir o sujeito a partir dos seus papéis sociais com base no sexo é limitante (ROSA et al., 2016). O gênero

estabelece significado aos corpos, é variável e diverso culturalmente (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Gênero distingue-se, portanto, do conceito de sexo, vai além da prática sexual e das questões biológicas, envolve atitudes, comportamentos, relações e conceitos construídos socialmente (ROSA et al., 2016).

Existe uma variedade de gêneros e identidades criadas a partir deles, sendo as pessoas cisgêneras e as pessoas transgêneras as mais estudadas pela ciência, porém estes conceitos tendem a manter uma discussão binária sobre o tema. Pessoas cisgêneras são aquelas que se identificam com os gêneros que representam os mesmos signos dos seu sexo biológico e pessoas transgêneras apresentam gêneros que divergem dos signos propostos sócio-culturalmente aos seu sexo biológico.

Travestis, por exemplo, podem transitar entre o que é socialmente estabelecido como características masculinas e o que é socialmente estabelecido como características femininas. As pessoas travestis e transexuais tendem a atravessar a vida como pessoas invisíveis, e quando são vistas, geralmente são avaliadas preconceituosamente, por serem consideradas socialmente como patológicas ou pessoas que se desviaram da normalidade (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Toda norma cria uma estratégia de exclusão, levando para a margem aqueles que se diferenciam do modelo do centro, que não respeita uma suposta coerência social. Enquanto a norma pretende estabelecer a ordem, exclui-se os sujeitos que não compartilham dos códigos dados pela normatividade (SANTOS; LAGO, 2013).

Orientação Sexual

A orientação sexual ocorre no campo dos afetos e diz respeito sobre a quem o indivíduo destina o seu desejo. Existe uma variedade de orientações sexuais, no presente estudo pesquisase a orientação sexual conceituada como homossexualidade.

A construção psicológica da identidade homossexual deve ser considerada como algo bastante complexo, condicionada por fatores socioculturais (SOUZA; MOLEIRO, 2015). Trata-se de uma auto identificação, portanto é referida pelo próprio indivíduo.

Um significado geral atribuído ao conceito de homossexualidade é o desejo sexual e emocional por pessoa do mesmo sexo (SOUZA; MOLEIRO, 2015). Adota-se porém, no ativismo LGBT o conceito de que são pessoas que se atraem por indivíduos de um mesmo gênero. Portanto um homem cisgênero que estabelece um relacionamento afetivo-sexual com um homem trans é lido como uma pessoa em um relacionamento

homoafetivo. Homoafetividade é o termo utilizado para se referir ao relacionamento afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo (ROSA et al., 2016).

2.3 HETEROCISNORMATIVIDADE

É comum que cientistas dediquem suas carreiras ao estudo do que não é normal, no entanto, cabe também a ciência o estudo da normalidade. Qual a origem do atual conceito do que é normal? O normal foi sócio construído, é ideológico e sofre influência direta da cultura em que está inserido. É importante notar que o que é dito como normal recebe efeito de verdade e se não questionado é reproduzido por meio de variadas formas de discursos. Ao longo da história, as práticas sexuais que não pertenciam a norma foram sendo catalogadas e patologizadas, os efeitos disto são percebidos em tempo presente e na pele (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Esta ordem discursiva rígida e excludente, a heterocisnormatividade, regula a vida dentro de uma matriz heterossexual e cisgênera, atuando na construção de identidades de forma previsível. Estabelece-se o que se espera de um indivíduo ao longo da vida. Esta prática discursiva tem portanto um ideal regulatório (SANTOS; LAGO, 2013).

Mesmo o modelo heterocisnormativo possui uma exclusão interna, pois estabelece a figura do homem-cis-hetero como superior a figura da mulher-cis-hetero, estabelecendo o modelo dentro de uma prerrogativa machista e misógina. A heteronormatividade tem impacto mesmo nas relações homoafetivas entre homens cisgêneros, estabelecendo papéis no estilo “sou gay, mas sou homem”, estabelecendo erroneamente que exista um binarismo entre os papéis sexuais, sendo o homem ativo o macho versus a bicha afetada, o homossexual passivo (SANTOS; LAGO, 2013).

A heteronormatividade tem o apoio das instituições sociais, que legitimam os papéis sociais, sob a influência do mercado. Caso alguém se rebele, ou seja, não se submeta a norma, aciona alguém que julga ter o papel de ser um corretor do social. Um higienista. Travestis, por exemplo, estão à margem da sociedade por não se enquadrarem nas normas de gênero, sendo assim a parcela da população LGBT mais suscetível a múltiplas formas de violência (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

A patologização de corpos e identidades confere poder aos que são considerados normais. Estes jogos de poder, superioridade e inferioridade, são discursos da norma e visam colocar a margem quem está fora dela. Pressupõe-se portanto, uma coerência linear e interna, entre o sexo biológico e o gênero. Devendo o gênero se ajustar ao sexo biológico e expressar-

se conforme o modelo social de papéis do que é masculino e o que é feminino (SANTOS; LAGO, 2013).

O sistema ideológico vigente discrimina aqueles que não se enquadram na norma da sociedade heteronormativa, portanto a heteronormatividade mostra-se no contexto social e cultural como uma barreira para a aceitação e vivência das orientações não-heterossexuais, gerando sofrimento e estigmatização (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

Entre sussurros, gemidos e resistência, uma minoria social ancorada na suas identidades de gênero e orientação sexual se empodera, protagoniza, torna-se visível e suja lençóis com o suor da transgressão a regra e goza ser quem é.

2.4 *SAI DO ARMÁRIO, BICHA!* CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO LGBT E REPRESENTATIVIDADE

O cenário

Nova York, 28 de junho de 1969, ocorriam uma série de conflitos entre homossexuais e a polícia. Os conflitos se iniciaram em um bar chamado de StonewallInn e duraram vários dias, este episódio ficou conhecido como a “Revolta de Stonewall”, um marco na luta por direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. A partir desta revolta as paradas do orgulho gay foram crescendo e se tornando cada vez mais presentes em diferentes locais do mundo, a maior delas é a da cidade de São Paulo. Contudo, a homossexualidade é punida, atualmente, em 78 países, alguns com a pena de morte (WYLLYS, 2014, p. 73).

Surge-se que a partir de Stonewall intensifica-se o debate sobre a importância da visibilidade, do protagonismo e da representatividade (WYLLYS, 2014, p. 74). A medida que mais pessoas foram vendo seus pares visíveis e empoderados, isto foi possibilitando maior reconhecimento de si próprios.

No Brasil, em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal, por decisão unânime, reconheceu as uniões homoafetivas como detentoras dos mesmos direitos e deveres das uniões estáveis heteroafetivas. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça, determinou que os cartórios em todo território nacional registrassem casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Este cenário é uma conquista da militância alinhada com o poder judiciário, não existindo conquistas no âmbito legislativo no Brasil. Na constituinte de 1988, as relações homoafetivas haviam ficado de fora do reconhecimento das entidades familiares (CAULFIELD, 2017).

A decisão histórica do Supremo Tribunal Federal garante direitos e deveres a parceiros do mesmo sexo. A partir desta decisão o desejo de algumas pessoas LGBTs de constituir família

se tornou mais visível na sociedade brasileira, aumentando a representatividade dos então lidos como “novos modelos de família”(ROSA et al., 2016).

No Brasil em 2012, 336 homossexuais foram assassinados por motivação homofóbica, estima-se que este número seja ainda maior, já que a inclusão da orientação sexual e identidade de gênero nos boletins de ocorrência são um evento recente. Os discursos que propagam a homossexualidade como uma afronta as regras morais e sociais ainda se perpetuam.

Do armário a representatividade

“Saiu do armário” é uma gíria bastante utilizada por pessoas LGBTs para explicitar que alguém se tornou visível com relação a sua orientação sexual. Os “armários” existem, e são muitos. Mas é preciso esclarecer que ninguém nasce dentro de um armário, mas sim, as pessoas são empurradas por discursos morais normativos para dentro de um. As pessoas não saem de onde se colocaram, mas de onde foram colocadas (WYLLYS, 2014, p. 62).

Cabe aqui não culpabilizar as pessoas que ainda estão no armário, são muitos os cenários que as mantêm na invisibilidade e por vezes este acaba sendo o único “espaço” para a manutenção da dignidade humana, preservar empregos ou até mesmo vínculos familiares.

Deste destino social que é o armário, surge mais uma personagem deste universo, o homossexual discreto e fora do meio, a *bicha padrãozinho*. Acaba sendo o homem gay mais próximo possível da heteronormatividade, visando assim estar menos a margem da sociedade. O mais próximo da regra.

No que diz respeito as famílias homoafetivas, a visibilidade das famílias homoparentais com filhos ainda causa desconforto social, apontando uma tolerância maior para casais homoparentais femininos com relação aos masculinos (ROSA et al., 2016).

A quantidade de pessoas LGBTs, saídas do armário, visíveis vem aumentando, seja no âmbito social ou na mídia, contudo o predomínio é de pessoas jovens. Sendo baixa a representatividade de indivíduos LGBT’S idosos, assim o movimento acaba adquirindo esta configuração: um movimento de juventude. A representatividade ajuda a elaborar na esfera do simbólico o imaginário das pessoas em geral, com impacto maior, das pessoas que se inserem em alguma minoria de vulnerabilidade. É preciso estudar este imaginário e suas elaborações como um reflexo do atual status social.

Dos inferninhos a gourmetização dos espaços gays

Visando segurança e liberdade de expressar-se a comunidade LGBT ao longo da história foi formando os seus guetos, por vezes lugares centrais e turísticos, por vezes locais periféricos. Surge aí um nicho do mercado, os estabelecimentos e locais “gay friendly”. Com os avanços em direitos e a maior conquista por espaços, também o poder financeiro das LGBTs vem crescendo, apontando aí o interesse das marcas e do consumo pelo “pinkmoney”.

O “bar de Ursos” é um território de sociabilidade para homossexuais ou bissexuais mais velhos. Ursos ou “bears” é uma categoria de identidade que em geral se refere a homens “gordos, peludos e barbudos”, no entanto esta categoria é bastante genérica e vem absorvendo corpos diferentes, como os mais velhos. É um espaço que vem ganhando abertura à medida que a população LGBT vem envelhecendo de forma mais numerosa (SANTOS; LAGO, 2013). Outro espaço destinado a uma multiplicidade de corpos, que frequentemente absorve os mais velhos, são as saunas. Os homens idosos gays que se inserem nestes ambientes conseguem estabelecer uma sociabilidade lúdica, porém marcada por um território específico. Vale ressaltar que estes ambientes não são de uso exclusivo de pessoas idosas, mas também recebem o público jovem que tem interesse sexual por pessoas mais velhas, uma expressão natural do desejo que ainda é tabu. Estes espaços múltiplos, de respeito e interação, constituem os “espaços queer”.

A bicha velha, uma minoria dentro de uma minoria

Situações de dupla discriminação são definidas como uma “minorias dentro de uma minoria”, um estudo realizado com homossexuais com deficiência física demonstrou que estes enfrentam uma dupla discriminação. Tem um apagamento de suas orientações sexuais dentro das instituições de pessoas com deficiência e são excluídos dos ambientes de convívio LGBT por suas deficiências (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

A matriz heterossexual tem seu valor baseado na juventude, sendo um ideal de envelhecimento aquele que se aproxima mais do que é lido como ser jovem (SANTOS; LAGO, 2013). Assim sendo, são consideradas abjetas as manifestações fora do modelo heterossexual e jovem, imprimindo marcas e leituras nos corpos daqueles que são velhos e não-heterossexuais. Seguindo o princípio da minoria dentro de uma minoria, podemos fazer as mesmas relações entre orientação sexual e idade?

2.5 LGBTFOBIA

Em torno da homossexualidade surgem os estereótipos sociais e a discriminação, colocando esta população em situação de vulnerabilidade psicológica, que pode se apresentar na forma de agravos em saúde, tais como depressão, pânico, ideação suicida ou outras formas de sofrimento psíquico (SOUZA; MOLEIRO, 2015). O preconceito tem a sua origem em um modelo que é considerado normal e que condena o seu contrário, o que considera anormal (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

A noção de homofobia, como um termo a ser usado, é bastante recente e é o mais recorrente utilizado para sinalizar as diferentes manifestações de ódio contra a comunidade LGBT. No entanto, cresce o apelo da própria comunidade para a utilização de outros termos, pois o ódio possui especificidades no que diz respeito a qual grupo social se destina (BASTOS; GARCIA; SOUSA, 2017). Estabelecem-se aí a utilização de termos específicos ao abordar expressões de ódio específicas, como por exemplo o termo lesbofobia para o ódio ou aversão às lésbicas, ou bifobia para o ódio ou aversão a bissexuais e transfobia para o ódio ou aversão às travestis e transexuais. Destaca-se o termo transfobia, por tratar-se de questões relativas ao gênero, travestis e transexuais são a parcela da comunidade LGBT mais vulnerável socialmente.

Transformações no campo jurídico, ainda que um desafio da sociedade atual, assim como a saúde e a educação, contribuíram para tornar indesejáveis as expressões abertas de preconceito. A homofobia é agravada nos vínculos de dependência, ou seja, quando são direcionadas por pessoas mais próximas, comumente da família (SOUZA; MOLEIRO, 2015). Piadas, agressões físicas e verbais e a rejeição da família constituem-se como exemplos de homofobia. A atitude homofóbica coloca o outro como um estranho, sem proximidade, identificando-o como anormal (BASTOS; GARCIA; SOUSA, 2017).

Pessoas LGBTs declaram que apesar de todos os constrangimentos que passam estão constantemente a se adaptar, criam mecanismos para lidar com o frequente preconceito. As vítimas de situações de discriminação narram a clara necessidade de apoio psicológico e de outras pessoas LGBTs, pois para eles as experiências de discriminação acarretam em problemas psicológicos (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

A sociedade tende, de forma opressiva, a alimentar uma visão binária que opõe a heterossexualidade e a homossexualidade, colocando uma como normal e a outra como indesejável, no entanto ambas são expressões naturais do indivíduo (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

3 OBJETIVOS

Apresentam-se, a seguir, os objetivos propostos para o estudo:

3.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais jovens sobre envelhecimento e representatividade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Conhecer a percepção dos indivíduos homossexuais com relação as referências de homem gay idoso;
- b) Conhecer a relação representatividade e envelhecimento no imaginário do homem gay jovem;
- c) Conhecer a percepção sobre o impacto da falta de representatividade da velhice de homens homossexuais;
- d) Conhecer a idealização de “Terceira Idade Gay” por homens jovens homossexuais.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

A ausência de expressiva referência de homem homossexual idoso interfere de que forma no imaginário do homem jovem homossexual com relação ao processo de envelhecimento?

5 MÉTODO

5.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Estudo de paradigma qualitativo do tipo descritivo-interpretativo.

5.2 COLABORADORES

Os participantes do estudo são homens que se identificam como homens e homossexuais, com idade igual ou maior de dezoito anos e menor de sessenta anos, participantes de um coletivo LGBT que abrange o município de Porto Alegre e a região metropolitana.

CrITÉrios de Inclusão

- a) Se identificar como homossexual;
- b) Ter idade entre 18 e 59 anos;
- c) Se identificar como homem (não foi feita distinção de sexo biológico).

CrITÉrios de Exclusão

- a) Indivíduos com dificuldades de fala que impossibilitem a clareza da gravação;
- b) Não comparecimento no primeiro agendamento da entrevista;
- c) Ter conversado com outro colaborador sobre o tema anteriormente a realização da entrevista.

5.3 ASPECTOS ÉTICOS

O presente estudo foi realizado respeitando as normativas vigentes em pesquisa com seres humanos, a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, somente sendo realizado após a aprovação da Comissão Científica do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS (ANEXO A) e do Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (ANEXO B) sob o registro 1.978.345.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) segue as normas preconizadas conforme orientações do presente Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo apresentado em duas vias, uma ficando em posse do colaborador e outra com o

pesquisador. Os termos foram assinados de livre vontade e o anonimato dos colaboradores foi mantido. Todos os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e dos métodos de coleta e análise de dados.

As entrevistas foram realizadas individualmente em ambiente reservado e silencioso. As informações são armazenadas em banco de dados e após cinco anos da realização da pesquisa serão incineradas.

5.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Contato Inicial

Primeiramente foi realizado um contato inicial, presencial, em uma organização LGBT do município de Porto Alegre que abrange a região metropolitana, visando a possibilidade de realizar a presente pesquisa. O contato deu-se com o responsável pelo coletivo. O pesquisador explicou os objetivos do estudo a fim de obter autorização para a coleta de dados.

Com autorização do responsável pelo coletivo para a aplicação da pesquisa, a aprovação do projeto de pesquisa pela Comissão Científica do Instituto de Geriatria e Gerontologia e do Comitê de Ética e Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul deu-se início a coleta de dados.

Os colaboradores foram contatados por meio de um aplicativo de celular, sendo convidados para participar da pesquisa. Foi realizado, também pelo aplicativo, o agendamento para a realização da coleta de dados.

No dia e local agendados foram explicados oralmente os objetivos da pesquisa e a coleta e análise de dados, sendo feita também a leitura do TCLE pelo colaborador.

Um total de 02 pessoas efetuaram o agendamento e não compareceram, sendo inviabilizada a possibilidade de participar da pesquisa conforme os critérios de exclusão.

Os colaboradores foram questionados se haviam conversado com outros participantes da pesquisa e foram orientados a não comentar sobre o conteúdo com os colaboradores que ainda não tinham realizado a coleta de dados.

As gravações foram iniciadas somente após a assinatura do TCLE e entrega de uma cópia do mesmo ao colaborador, sendo este momento sinalizado visualmente e oralmente pelo pesquisador, assim como no término da gravação.

Coleta de dados

Após os procedimentos relatados no contato inicial deu-se a realização das entrevistas semiestruturadas.

Visando a análise prática da viabilidade do instrumento de pesquisa e a necessidade de alterações metodológicas no estudo, foram realizadas duas entrevistas (APÊNDICE B), constituindo-se assim um estudo preliminar. Estas entrevistas foram gravadas e transcritas. Após a análise dos conteúdos observou-se a necessidade de fazer as seguintes alterações:

- a) questionar como o indivíduo se imagina idoso na etapa inicial da entrevista e na etapa final propor, como um exercício, que ele se imagine idoso, podendo assim observar alterações no imaginário oriundos das reflexões provocadas pelas perguntas posteriores;
- b) modificar a ordem das perguntas, questionando primeiramente sobre as referências de idoso gay (representatividade);
- c) excluir o item: Fale um pouco sobre a relação passar do tempo e sexualidade, no seu contexto.

Após a realização do estudo preliminar e da realização das alterações necessárias deu-se início ao estudo principal, estas são as entrevistas que constam no presente trabalho. Para a realização da coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada.

Antes de realizar o estudo principal é indispensável realizar o estudo preliminar visando o treinamento do entrevistador, assim garantindo que se possa coletar as informações que visam esclarecer o problema de pesquisa. O estudo preliminar possibilita a análise da necessidade de alterações no instrumento de pesquisa, fazendo assim, o pesquisador, os ajustes necessários (NEGRINE, 1999).

A entrevista permite a captação imediata da informação, estabelecendo um vínculo de profundidade nas perguntas, ela ganha vida já ao se iniciar o diálogo. É um instrumento básico para a coleta de dados (LUDKE; ANDRÉ, 1986). A entrevista semi-estruturada é formada por um conjunto de perguntas pré-estabelecidas em um roteiro flexível em torno de um ou mais assuntos, permitindo assim uma conversação face a face, informal, permitindo que o entrevistado fique a vontade para fazer as suas considerações sobre o tema abordado. (NEGRINE, 1999) Ao final da entrevista o pesquisador questiona se o colaborador gostaria de acrescentar algo que não foi questionado mas que julga relevante ao conteúdo da pesquisa, assim possibilitando o acréscimo de dados.

A entrevista semi-estruturada oferece perspectivas para o entrevistado alcançar a espontaneidade e a liberdade necessárias e ao mesmo tempo, valoriza a presença do entrevistador (TRIVINÓS, 1987).

As entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE B) foram gravadas em um gravador digital modelo RRUS-450 da marca Panasonic.

Foi utilizado o critério de saturação de dados para encerrar a coleta, ou seja, o número de participantes não foi pré-estabelecido. Foram realizadas um total de 09 entrevistas, sendo as duas entrevistas do estudo preliminar descartadas e analisadas somente as entrevistas do estudo principal.

Roteiro de entrevista

Os dados obtidos mediante a gravação das entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE B) foram transcritos e posteriormente interpretados. Os dados foram analisados em categorias estabelecidas após a coleta e análise de dados conforme homogeneidade dos assuntos correlacionados aos objetivos da presente pesquisa.

A finalidade da pesquisa qualitativa é identificar fenômenos e entendê-los (VICTÓRIA, 2000).

Para obter conclusões é necessário agrupar os dados, este agrupamento em categorias não precisa ser pré-estabelecido. As categorias são dependentes do conteúdo que as entrevistas suscitam e colocadas de forma descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2009; VICTÓRIA, 2000).

Ao observar a saturação de dados referentes aos objetivos da pesquisa a coleta foi interrompida. Após todas as transcrições serem realizadas foram executadas leituras flutuantes visando possíveis categorias. Não foram realizados ajustes textuais preservando as transcrições tais quais as narrativas.

Observadas as possíveis categorias os conteúdos transcritos foram agrupados conforme as categorias temáticas, foi feita a técnica de redução de texto, sendo recortadas as unidades de significado. As categorias foram então definidas pela frequência que as unidades de significado apareciam (FLICK, 2004).

Para cada categoria foi utilizada a fala dos sujeitos em evidência, seguida do uso da literatura, suscitando discussões, novas aplicações e redefinições que possam progredir no conhecimento crítico da realidade. Sendo feita assim da redação uma sequência de narrativas ancorada na literatura de forma coerente e fluida (ALVES; SILVA, 2017).

6 PERFIL DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os colaboradores do estudo são pessoas que se identificam como homens e homossexuais, participantes de um coletivo LGBT de Porto Alegre e região metropolitana no Rio Grande do Sul. As idades variam entre os 18 e 32 anos, ficando na média de 24 anos. A escolaridade, religião e renda variam, sendo a menor escolaridade o ensino fundamental incompleto e a maior escolaridade o ensino superior completo. A renda tem em média 2.800 reais, sendo o menor rendimento de 1.100 e o maior de 5.000 conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1 - Perfil dos colaboradores do estudo

Colaborador	Idade	Escolaridade	religião	renda mensal
#1	21 anos	fundamental incompleto	umbandista	R\$ 1.100,00
#2	32 anos	superior incompleto	não definida	R\$ 4.000,00
#3	23 anos	superior incompleto	umbandista	R\$ 2.000,00
#4	25 anos	superior completo	não definida	R\$ 4.500,00
#5	18 anos	médio completo	ateu	R\$ 1.100,00
#6	28 anos	superior incompleto	não tem	R\$ 5.000,00
#7	23 anos	superior completo	ateu	R\$ 2.500,00

Fonte: Autor (2018)

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

PARTE I

Para melhor compreensão e análise os dados foram divididos em categorias temáticas, os resultados serão apresentados no corpo da tese e em dois artigos (APÊNDICE C e ANEXO D).

7.1 UM GAY IDOSO? RELATOS SOBRE REPRESENTATIVIDADE

Ao serem questionados sobre um nome ou uma referência de um homem idoso homossexual, os colaboradores do estudo responderam:

[pausa 4 segundos] *“um homem gay idoso? [pausa 2 segundos] o Pedro Bial haha eu acho que ele sabe se portar como um homossexual”* #1

“eu não tenho bem assim, não tenho mesmo” e ainda completa: *“até tenho uma pessoa conhecida, mas não chega a ser, não classifico como idoso. Ele não tem idade suficiente para isso, está se encaminhando para isso, ele tem 50 anos, não é idoso”* #2

“sinceramente, eu não conheço, de contato, um idoso gay. Tem um cara que eu conheci na primeira festa que eu fui, ele deve estar beirando os sessenta, é o único que eu me lembro” e ainda acrescenta em outro momento de fala: *“eu poderia te citar idosos heterossexuais abertos, que aceitam a homossexualidade e idosos heterossexuais que não aceitam, com facilidade, mas um idoso gay não”* #3

“ah, essa é uma pergunta bem complicada, carecem de pessoas de mais idade que sejam gays, para a gente ter como referência de fato. Então referências de gays [idosos] eu acredito que eu não tenha nenhuma” O colaborador #4 completa, dizendo: *“eu não tenho referências próximas e nem na mídia, por que se é para ser referência, acho que nenhum me atinge de fato”* #4

“Bah, RuPaul? hahaha Não tenho uma referência de um idoso gay” #5

“modelo? Eu acho que eu não tenho referência de gay idoso. [questionado sobre a mídia] não, nem na mídia.” #6

[pausa 2 segundos] *“hummm”* [pausa 3 segundos] *“como que é o nome daquele? Daqule? É Ney Matogrosso? Ele é a primeira pessoa que eu consigo pensar”* [...] *“quando tu fala em idoso gay, ele é o primeiro que me vem, assim..”* #7

O colaborador #1 cita o jornalista e apresentador de televisão Pedro Bial, no entanto não existem registros na mídia de que o referido jornalista seja assumidamente homossexual, pelo contrário, os registros mencionam relações heteroafetivas e filhos. Outra questão que chama a atenção nesta fala, é incluir o jornalista como idoso. Na data da entrevista Pedro Bial estava com 59 anos, portanto não é considerado idoso. Ru Paul Andre Charles é um ator/atriz, dragqueen e cantor americano de 56 anos, portanto, também não é pessoa idosa. Existem

declarações delx se referindo a si próprio com pronomes masculinos e femininos, portanto transita entre os gêneros binários. Diferente do colaborador #7, que cita o cantor e performer brasileiro Ney Matogrosso, que é assumidamente homossexual e na data da entrevista estava com 75 anos.

Percebe-se então, que da totalidade dos colaboradores entrevistados apenas um tem efetivamente uma referência ou um nome de um idoso homem e homossexual, e que o mesmo demorou alguns instantes para nomeá-lo. Ainda assim o nome tem sua origem na grande mídia e não no convívio pessoal. A pesquisa qualitativa não visa atestar ou provar algo, mas sim estudar um fenômeno, percebe-se por meio da entrevista a existência clara de uma baixa representatividade do homem idoso gay para os colaboradores deste estudo, mas não torna o dado reproduzível a toda a população homossexual.

É necessário problematizar este apontamento, ou seja, realizar um movimento de análise que possibilite compreender como um conjunto de práticas discursivas pode interferir no imaginário de um segmento populacional (POCAHY, 2012). Entendendo aqui, que a visibilidade gera representatividade, e a forma com a qual estes corpos discursam interfere no imaginário daqueles que se espelham no seus modelos, existindo possíveis impactos na falta de símbolos ao imaginário. Quando uma pessoa se assume homossexual, se declarando dentro desta identificação, é a declaração que é performativa e não a orientação sexual.

A literatura científica sobre a homossexualidade vem crescendo recentemente no Brasil, demonstrando o interesse que o assunto desperta, contudo grande parte destes estudos concentra-se na faixa etária jovem (ALVES, 2010). A carência de estudos com gays idosos dificulta o levantamento de possíveis causas da baixa representatividade, aponta-se a seguir algumas possibilidades.

É importante mencionar que manter relações sexuais e assumir uma identidade sexual são processos distintos, nem sempre associadas como etapas em sequência (ALVES, 2010). Ou seja, o indivíduo pode ter tido ou ter relações sexuais homossexuais em diferentes momentos da vida e não se identificar com uma identidade sexual específica, ou pode ainda, se identificar dentro de uma orientação sexual e não torna-la socialmente visível. A baixa identificação com um rótulo de uma orientação sexual específica somada aos estereótipos deste rótulo pode contribuir para que pessoas não se identifiquem como gays ou homossexuais publicamente.

Santos e Lago (2013) em seu estudo sobre homossexualidade e velhice levantam ainda uma outra possibilidade: o impacto dos confrontos familiares e pressões sociais. Confrontados por suas famílias e pelo social, muitas pessoas homossexuais acabaram constituindo famílias heteroafetivas, na intenção de apagar o desejo que era lido como proibido. Os homens são

confrontados pelo imperativo social da reprodução, da paternidade, do matrimônio e do papel de provedor. Nem todas as pessoas LGBTs ao longo da história encontraram estratégias para vivenciar seus gêneros e sexualidades. Estes imperativos sociais (morais) são elementos da construção da masculinidade. Ainda neste estudo os autores mencionam que existia um custo muito alto (social e emocional) para os indivíduos se oporem a norma social. As instituições legitimam o modelo heterossexual de família ao passo que na juventude dos atuais idosos a união entre as pessoas do mesmo sexo e o uso do nome social não tinham reconhecimento civil.

O medo da marginalização é, portanto, outra possibilidade, sendo apontado como um dos desafios da população LGBT, sendo frequentemente o motivo mais citado para esconder a orientação sexual e sua expressão (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

Vale ressaltar que as pessoas que hoje são consideradas idosas, envelheceram em contextos históricos, políticos, e culturais diferentes dos atuais. Quem teve a sua juventude estabelecida nos anos 60 ou 70, por exemplo, enfrentou regimes políticos autoritários. A história da homossexualidade está conectada com as produções de discursos de cada tempo histórico, assim prevalecendo outros códigos e outras moralidades. Pensando assim a diferença na quantidade de pessoas fora do armário em diferentes faixas etárias. Não afirma-se aqui que não haja atualmente impacto da heteronormatividade, mas que este se coloca na atualidade de outra maneira, menos opressora (SANTOS; LAGO, 2013).

Apontam Santos e Lago (2013) que o sujeito idoso e homossexual habita uma zona limítrofe, dotada de resistência e subjetivação, face o modelo hegemônico. Considerando que, quem hoje tem mais de sessenta anos de idade, conviveu com regimes políticos rígidos, períodos de maior vigilância dos prazeres pelos discursos da moral, enfrentou a epidemia de AIDS e todo o estigma alimentado pela sociedade e pela comunidade científica que batizou a doença de “câncer gay”. Estas pessoas tem, portanto, o medo da marginalização mais presente em suas memórias. Estas pessoas, que carregam em si a história recente da homossexualidade, poderiam ensinar muito sobre o saber de si, resistência e a história das subjetividades aqueles que com menos idade absorvem e enfrentam os resultados destes contextos mas não mais se inserem neles.

Um estudo com homossexuais com deficiência física mostrou que o desconforto com a aceitação da orientação sexual fez com que estes adotassem estratégias de evitamento do trato com o social e invisibilidade (SOUZA; MOLEIRO, 2015). Aqui, pensa-se o impacto do duplo estigma, como incentivo a invisibilidade, como por exemplo gay e pessoa com deficiência, gay e negro, gay e pobre ou gay e velho. Algumas minorias, dentro de minorias, não se identificam

com o ativismo LGBT, contribuindo para a manutenção da invisibilidade e baixa participação cívica (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

Esconder a orientação sexual ou retornar ao armário em indivíduos homossexuais idosos parece ser uma estratégia de sobrevivência, pois entre heterossexuais idosos há uma evitação da homossexualidade e entre jovens homossexuais há uma aversão a velhice, justificando assim a invisibilidade (SANTOS; LAGO, 2013).

Alves (2010) ao estudar mulheres homossexuais idosas demonstrou que os lugares de sociabilidade homossexual são vistos por elas como lugares mais jovens, onde elas não se sentem bem, o tipo de música não agrada, o público é predominantemente jovem e o horário de funcionamento é visto como impeditivo. Assim, as mulheres homossexuais idosas acabam tendo como ambientes de sociabilidade a casa umas das outras, por meio de uma rede de amizades. Sugere-se que um fenômeno semelhante possa acontecer com idosos gays.

Ao mesmo tempo que é produto, o homem também é produtor do social (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Assim, a medida que a representatividade e a visibilidade vão aumentando, estas alimentam no social que mais pessoas se tornem visíveis, assim representando a outras pessoas. Cada pessoa que se torna visível facilita o processo de empoderamento para quem ainda não é e dota o meio social de símbolos que contribuem para a construção do imaginário sobre um tema.

7.2 COMO SE IMAGINA VELHO

Outra categoria se formou a partir da pergunta “Como você se imagina idoso?”, trazendo na forma da fala os signos do imaginário sobre envelhecer homem e homossexual. Seguem os relatos:

“eu acho bem complicado, porque eu não consigo me imaginar, eu não me imagino velho, eu espero que isso nunca aconteça” indagado sobre a possibilidade de ser uma etapa da vida a ser vivida, o colaborador #1 acrescenta: *“sei lá, eu acho que vou ser aqueles velhos que se arrumam, não aquele velho, velhinho, fofinho. Eu me imagino um velho bonito.”* #1

“a gente acaba não querendo pensar nisso, é uma questão bem difícil pra mim idealizar isso” [referindo-se a velhice] *“ai, essa é uma questão que eu ouço bastante, por que eu não planejo adotar ou ter filhos. Eu me vejo cercado por uma rede de amigos, da mesma faixa etária e com as mesmas necessidades, que uns apoiem os outros”* #2

“a minha velhice? [pausa de 3 segundos] em questão de família eu vou ser sozinho, por ser filho único, eu não sei até onde meus pais vão. Não sei se me imagino casado, até porque hoje em dia não é essa a minha ambição. A coisa de ter filho é bem

presente, mas acho que casado não." e acrescenta ainda: *"eu não vejo problema nenhum em envelhecer, acho natural, se acontecer, eu tenho a sensação que vou ficar mais velho, mas não sei o quanto"* #3

"fisicamente eu acho que vou sentir um incômodo incrivelmente alto por não ter essa aparência que eu tenho hoje [...] eu buscaria muitas medidas para amenizar isso ao máximo" #4

"eu não consigo me imaginar com 70 anos, no máximo com uns 40 ou 50. Essa etapa eu não vou achar ruim, eu tenho muitos colegas de trabalho nessa idade. Eu não sei por que as pessoas tem esse medo de envelhecer, nossa, os meus colegas de trabalho tem aí na faixa de 50 anos estão vivendo a vida que eu queria estar vivendo, eles só viajam, tem tempo, eles já criaram os filhos, tem dinheiro para viajar. [...] eu acho que deve ser uma fase muito gostosa da vida, agora os 70 anos eu já não sei, geração um pouco mais triste né, devido as limitações físicas." #6

"visualmente é? totalmente careca! mas como estilo de vida assim, acho que ainda trabalhando, ainda fazendo coisas que eu faço hoje, com família, muitas pessoas ao redor" #7

Observa-se que uma parcela dos colaboradores tiveram dificuldade em elaborar um conceito de como se imaginam idosos e fazer uma narrativa desta representação. Todas as variações de velhice e de gênero são válidas, no entanto, a dificuldade em se imaginar idoso pode estar permeada pelo fenômeno da falta de representatividade (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Para um seguimento populacional que é colocado a margem da normalidade, a ausência de modelos firmemente estabelecidos no vínculo pessoal ou na mídia podem interferir na esfera do imaginário. O ser humano só se torna viável por meio de categorias socialmente reconhecidas (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Nenhum dos colaboradores relatou se imaginar envelhecendo com netos, o colaborador #3 e #5 (depoimento transcrito na próxima categoria) mencionam o desejo de ter filhos e o colaborador #7 menciona envelhecer com família. Observa-se que a história das famílias vem se modificando com o passar do tempo, se adaptando a mudanças sociais, surgindo uma crescente pluralidade de conceitos de família (ROSA et al., 2016). No entanto, observa-se com mais frequência a presença de famílias homoafetivas com filhos e uma expressão muito menor de famílias homoafetivas com netos. Esta baixa representatividade pode contribuir para que homens gays se imaginem exercendo no máximo os papéis de pais e não surgindo na presente pesquisa, no imaginário, o exercício do papel de avô.

A juventude é bastante valorizada na atualidade, sendo correlacionada com a beleza, força, criatividade, produtividade e consumo (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Os colaboradores #1 e #4 trouxeram em suas falas aversão ao envelhecimento, com base no apagamento da juventude pela estética. As marcas do corpo configuram as marcas mais evidentes da experiência do envelhecimento e essas mudanças interferem nas relações sociais. No contexto em que a juventude é um bem que legitima a experiência da homossexualidade, a

velhice é comumente heterossexualizada. Alguns homossexuais idosos relatam certa melancolia ao analisarem seus corpos modificados pelo tempo. Alguns se imaginam com o “corpo ideal” da juventude no atual contexto social, onde o exercício das diferentes sexualidades encontra um espaço maior para a sua expressão (SANTOS; LAGO, 2013).

O colaborador #7 menciona o desejo de continuar fazendo coisas que faz hoje e o colaborador #1 expressa o desejo de envelhecer bonito. Já o colaborador #6 menciona o desejo de viajar bastante, mas questiona a possibilidade de fazê-lo em torno dos 70 anos de idade.

O sentimento que uma “parte de nós” se conserva jovem, vem do condicionamento social dos signos do que é ser jovem e da dificuldade em confrontar a materialidade do corpo e suas modificações (SANTOS; LAGO, 2013). Este sentimento produz no jovem o desejo de manter uma parcela de si jovem e no idoso o reconhecimento de que uma parte de si não envelheceu. A velhice como campo performativo cria espaços para releituras de si mesma.

Os modelos de velhice que aos poucos estão sendo mais valorizados são representados por pessoas idosas que aceitam desafios, projetam para o futuro, viajam muito, o mais próximo possível do imaginário do que é ser jovem (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

7.3 A SOLIDÃO ACOMPANHADA DO MEDO NO IMAGINÁRIO

As moralidades médicas, religiosas, educacionais e jurídicas operam de formas particulares acrescentando peso cultural a idade, assim envolvem e elaboram as significações do envelhecer (POCAHY, 2012). Estas moralidades em conjunto formam um modelo de envelhecimento bem sucedido que exclui socialmente a possibilidade de envelhecer bem e sozinho. Com base nos depoimentos coletados, percebe-se a necessidade de problematizar e debater o medo do envelhecer solitário.

“meu maior medo é morrer sozinho”

incentivado a falar mais sobre a questão, comenta:

“é uma pessoa sozinha né, por isso que eu falei, é meu maior medo. A gente sempre foi muito rodeado de pessoas, aí eu vou ficar velho, uma bicha velha, sozinho, sem filhos, sem sobrinhos, sem netos” #1

“o suporte que se tem hoje no Brasil, em especial para o idoso aquele que não tem filhos, ou não tem parentes próximos, que nem no meu caso minha irmã não vai ter filhos, então eu não vou ter nem sobrinhos, parentes próximos” #2

"Espero que até lá, o mundo todo se aceite um pouco mais. Espero ter um filho e passar meus últimos dias em um asilo, não penso em envelhecer com alguém. Acho isso algo muito difícil de acontecer" #5

"eu não tenho essas coisas assim, de ficar velho [referindo-se a dificuldades em envelhecer] o meu único medo é, eu não queria envelhecer sozinho, eu não gostaria de envelhecer sozinho, de não ter família" #6

"eu tenho [medo de envelhecer sozinho] eu penso nisso sabe, tem os meus pais, eu sou filho único, tenho medo de ter poucos parentes. A solidão é um dos maiores temores que eu tenho" #7

Santos e Lago (2013) comentam sobre o estereótipo do gay idoso solitário, ressaltando que o medo de envelhecer solitário se apresenta em discursos tanto de pessoas LGBTs quanto de pessoas não-LGBTs. No entanto, o mito heteronormativo do gay idoso solitário existe e ocupa espaço no imaginário, envolvendo ideias sobre envelhecimento sem constituir família e a exclusão do homossexual idoso dos espaços de convívio. Como alimento do mito, não se considera, por exemplo, que muitos dos atuais idosos gays assumidos, em algum momento de suas histórias constituíram famílias heteroafetivas e tiveram filhos. A heterocisnormatividade, acrescida de valores religiosos cristãos, estabelece como prerrogativa de felicidade a construção da entidade familiar. É preciso considerar e debater sobre outros modos de vida possíveis. A ideia do homem gay velho solitário não considera também outras formas do viver junto, como as comunidades ou redes de amizades por exemplo e também exclui a possibilidade do envelhecimento sem um relacionamento formal ser ativo, bem sucedido e feliz.

Nota-se pela frequência de relatos que o medo da solidão está bastante presente no imaginário de homens gays jovens, o colaborador #5 menciona o desejo de ter filhos mas em seguida relata imaginar o final de sua vida de forma solitária. A solidão aparece também correlacionada com o papel social determinado a família, sendo no imaginário uma certeza de envelhecimento não solitário, o que na prática não se confirma.

O desejo de constituir família que gere descendentes pode perpassar diferentes formatos de família. Ser pai ou ser mãe, na sociedade atual, independe de união estável. Deparamo-nos assim com uma variedade de famílias: monoparentais, pluriparentais e homoparentais (ROSA et al., 2016).

A solidão apresentada de forma aterrorizante está encarnada na ideia do "amor romântico branco burguês" como regra ou ideal de felicidade (POCAHY, 2012). Na sociedade capitalista, o corpo do idoso é fortemente lido como nem produtor (lógica de mercado) e nem como de reproduzidor (lógica da perpetuação da espécie), portanto se o imaginário é dotado da relação relacionamento e sexo, ao homem idoso assexualizadorecai o estigma da solidão (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Em um dado momento de sua pesquisa Pochay (2012)

menciona a representação de que “aos mais velhos, só restaria pagar para desfrutar da companhia fugaz e arriscada”, representação esta fortemente questionada na pesquisa.

Para Santos e Lago (2013), as pessoas mais velhas sofreram mais com as proibições e com a dificuldade de encontrarem ambientes de (homo)sociabilidade. Os jogos de erotização e os formatos de relacionamentos afetivos são marcados por um contexto histórico, o que acabam por definir códigos de comportamento. Estas marcas podem ter contribuído para no imaginário de homens homossexuais jovens o idoso gay ser pensado como alguém marcado pelo estigma da solidão. A falta de representatividade de idosos gays não solitários pode ser um importante marcador para o frequente relato do medo de envelhecer sozinho.

Os estudos sobre a velhice e a homossexualidade ainda são escassos e não contemplam todos os espaços, é preciso estudar o homossexual em situação de rua, encarcerado, rural, em comunidades periféricas e os idosos em instituições de longa permanência (SANTOS; LAGO, 2013). Buscando traçar estes recortes com a sensação de solidão e o isolamento social.

7.4 A FUTURA TERCEIRA IDADE GAY

Tomando como base que a atual juventude é a parcela mais expressiva da população assumidamente homossexual, é possível pensar que esta será no futuro a Terceira Idade Gay de forma expressiva e visível, indagados sobre esta possibilidade, os colaboradores narram suas impressões sobre esta construção social.

“vai ser engraçado hahaha sei lá, eu não consigo imaginar entendeu, eu olho, muitos gays e não consigo olhar e ver que esse aí vai envelhecer, é impossível” #1

“eu acho que hoje é mais tranquilo em comparação quando me assumi, mas ainda é um tabu para a sociedade. Mas acho que as pessoas estão levando mais de boa, vai ser de boa” #2

“não sei se vai ter asilo gay e asilo hetero, mas a gente vai tocar o terror, haha a gente já faz isso hoje, embora a visibilidade e o respeito não seja amplo ainda, eu acho que na terceira idade a minha geração vai dar trabalho, ocupar o espaço” #3

“vai ter muita bicha velha por aí hahaha eu acho que quando a nossa geração, for a geração mais velha, a gente vai construir por meio da representatividade, um ativismo maior por parte dos jovens, eles vão ter a quem seguir” #4

“não sei, eu acho assim, como um leigo, eu acho que vai se aproximar cada vez mais da construção heterossexual, essa coisa da família, por exemplo, mais eu vejo gente, amigos gays buscando, cada vez mais a gente está adotando, concebendo de outras formas, acho que isso vai ser muito diferente com relação a terceira idade gay hoje”
#6

“acho que vai ser bem natural, hoje conforme vai surgindo cada vez mais casais gays adotando crianças, acho que vai ser totalmente natural até a terceira idade” #7

O corpo do velho, como monstruosidade ou abjeção, é contestado no instante que os enunciados que os desqualificam mudam de lugar, produzindo para si outras possibilidades de representação (POCAHY, 2012). Este apontamento corrobora a ideia de que a atual juventude homossexual, por ser bastante numerosa em relação aos atuais idosos homossexuais, será responsável pelas modificações de discursos com relação a velhice a medida que for envelhecendo. A velhice está sendo reinventada, sendo capturada por novas exigências comerciais, maior acesso à tecnologia e aumento da expectativa de vida (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Os colaboradores #3 e #4 comentam fatores conectados com o ativismo LGBT, como propulsores de modificações no futuro dos atuais jovens gays. Os movimentos de ativismo pela pauta LGBT vêm se ampliando e ocupando cada vez mais espaços, o que faz com que o preconceito venha diminuindo, mesmo que lentamente, ao longo dos anos (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Mesmo que a macropolítica atue de forma heterossexualizadora, se organizando por meio de linhas duras e utilizando dos poderes institucionais, ao longo da história pessoas homossexuais sempre encontraram brechas para o exercício de suas sexualidades. Cada exercício de saída da norma constitui a micropolítica e esta legitima a resistência das minorias, dando passagem aos afetos e desejos. Assim sendo, a heterocisnormatividade, mesmo que institucionalizada, não foi capaz, em nenhum momento da história, de restringir por completo o desejo, mesmo que encontrando pouco espaço em territórios rígidos (SANTOS; LAGO, 2013). Com base na crescente abertura da sociedade para a diversidade, o papel da micropolítica e a resistência da comunidade LGBT a perspectiva é de que a representatividade e a visibilidade de pessoas LGBTs em faixas etárias além da juventude aumente. Setores conservadores, atuantes e barulhentos, sempre existiram, o que é historicamente recente é a comunidade organizada e militante por direitos.

Já os colaboradores #6 e #7 mencionam o crescente número de famílias homoafetivas como motivação para a transformação social. As novas composições de família são reflexos

das transformações sociais e implicam na sociedade, ou seja, são frutos da sociedade em transformação e transformam a sociedade (ROSA et al., 2016).

O desejo de adotar tem inúmeros motivos, 63% dos brasileiros que praticam a adoção tem como motivação a ausência de filhos biológicos. Trata-se portanto do desejo de constituir família com filhos. A adoção é um processo que geralmente beneficia tanto a criança quanto aos pais adotantes, não se tratando de uma relação apenas no plano afetivo, mas também no plano jurídico (ROSA et al., 2016). Diante da dependência do plano jurídico, justifica-se a crescente representatividade e visibilidade de casais homoafetivos com filhos adotivos, decisões judiciais favoráveis são recentes na justiça brasileira.

Vale aqui lembrar que os sujeitos possuem a capacidade da reinvenção criativa de si, possibilitando a produção de novos cenários, fazendo da vida uma obra de arte, portanto é plenamente possível que surja um novo formato de envelhecer gay (SANTOS; LAGO, 2013).

7.5 O CONVÍVIO COM DIFERENTES IDADES

Outra categoria se formou a partir da reflexão sobre o convívio com diferentes idades, alguns colaboradores mencionaram as idades das pessoas LGBTs mais velhas do seu convívio. Foram incluídas como forma de convívio as redes sociais.

"50 anos, é o homem gay mais velho que eu conheço" #2

"nos ambientes que circulo, é comum encontrar idosos heteros, gays não, não sei a idade do mais velho, mas não é idoso" #3

"a pessoa LGBT mais velha que eu convivo tem 53 anos, uma amiga trans da minha mãe" #5

"do meu vínculo de amigos, das pessoas que eu convivo, o mais velho tem uns cinquenta e.. três..quatro, eu acho. Pensando bem, eu não conheço nenhum gay mais velho que isso, nem \que não seja do meu convívio" #6

"hum..de convivência 30 anos, é 30 anos, tem aí alguns conhecidos né, amigos de amigos, mas de convivência a mais velha tem 30 anos" #7

Compreende-se a idade como uma categoria política, histórica e social, assim como o gênero, a classe social, a sexualidade ou a raça, mas não pode ser vista de forma isolada, pois este marcador não pode ser pensado sem intersecções (POCAHY, 2012). Ou seja, observa-se que os colaboradores interagem com pessoas de outras idades de uma forma geral, mas ao acrescentar o recorte orientação sexual, verifica-se que estas interações se modificam drasticamente. É comum que homens homossexuais convivam em algum nível com pessoas

idosas, no entanto esta convivência não se faz presente ao tratar-se de idosos homossexuais. A intergeracionalidade faz-se pouco presente nas vidas dos sujeitos estudados. Os impactos da não convivência com referências visíveis de envelhecimento gay não se encontram embasados largamente pela literatura, mas acredita-se que apontem para a dificuldade dos papéis de idoso ou de avô no imaginário de futuro, bem como a presença da longevidade como um objetivo a ser alcançado.

Alves (2010) em um estudo sobre homossexualidade feminina demonstrou que a iniciação sexual de mulheres, hoje idosas, costumou acontecer com mulheres em média 15 anos mais velhas. Estudos sobre intergeracionalidade com pessoas homossexuais são escassos, diferentes podem ser os recortes que aproximam homens gays de homens gays de uma mesma faixa etária. O alargamento destas relações, englobando homens gays idosos se apresenta inexistente nos colaboradores deste estudo. Credita-se este dado a invisibilidade dos homens gays idosos na sociedade atual.

O colaborador #5 menciona conhecer uma pessoa transexual de 53 anos. As travestis e transexuais que envelhecem são consideradas como verdadeiras sobreviventes, já que a expectativa de vida de uma pessoa transexual no Brasil é de cerca de 35 anos de idade. Elas pertencem a um grupo de vulnerabilidade social, já que sofrem preconceito em qualquer idade (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

7.6 IMAGINE-SE IDOSO

Os colaboradores do estudo foram convidados para se imaginarem envelhecendo após boa parte da entrevista já ter ocorrido, projetando-se para o futuro a partir das colocações feitas pelos questionamentos anteriores e sensações evocadas pela entrevista semi-estruturada. Os colaboradores fizeram os seguintes relatos:

"eu me sinto triste se eu me imaginar velho, porque eu me rasgo na academia, para andar bonito e.. eu olho e serei meu pai futuramente" #1

"eu me imagino envelhecendo feliz, tendo um espírito jovem, com alegria" #2

"eu tenho bastante dificuldade em projetar, eu me vejo como um adolescente ainda, não como um adulto. Hoje se eu tiver um problema de saúde tenho o respaldo da família e de amigos, mas eu não sei projetar, lá na frente como vai ser minha família e meu respaldo de amigos" #3

"isso [de pensar no envelhecimento] mudou bastante, eu agora chegando nos 25, eu pela primeira vez tenho pensado um pouco mais, com mais cuidado, sobre essa coisa de envelhecimento. [...] eu consigo me imaginar até os 35, como eu quero traçar a minha vida, 35 até 37, mais que 40 já não consigo me imaginar" #4 O pesquisador acrescenta a entrevista o dado referente a classificação de idoso no Brasil como uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, obtendo a seguinte resposta do colaborador: *"nossa, mais de sessenta anos? [pausa] eu imagino minha vida crescendo até certa idade, depois mantendo uma certa linearidade [...] me vejo podendo usufruir das coisas que eu construí antes disso"* em outro momento, o colaborador #4 retoma esta questão: *"eu entendo essa dificuldade de se imaginar no futuro, em pensar em uma época que está tão distante da nossa vida, a gente vai pensar e vai recorrer ao que? A gente não tem fatos, a gente vai recorrer aos modelos, mas quais modelos a gente tem? Os nossos avós, nossos pais, nossos bisavós, que não tem nada a ver com o nosso contexto. Aí a gente tem que apagar aquilo lá tudo e não tem modelos, porque não se encaixa em nenhum deles. Estamos caminhando no escuro."* #4

"ah, de repente daqui uns 20 anos. Aos 40 e poucos anos tu está num relacionamento super bacana, e que vai ser um relacionamento tão interessante que vai partir a ideia de adoção, e vai ser uma família com filho, a gente envelhecendo e as crianças ficando adultas" #7

O colaborador #4 menciona o impacto da falta de representatividade do idoso gay na sua capacidade de imaginar-se envelhecendo. Mesmo após a realização de perguntas sobre envelhecimento, aquecendo o debate sobre a questão, segue frequente a dificuldade do imaginário dos colaboradores em alcançar vislumbres acima dos sessenta anos de idade.

7.7 MEDIDAS ANTI-ENVELHECIMENTO

Os colaboradores foram questionados sobre fazerem uso de medidas anti-envelhecimento.

"exercício físico" #1

"eu tenho começado a pensar bastante nisso agora, na atividade física e estou cuidando a alimentação, mas é um cuidado recente" #2

"eu fiz orçamentos já quanto a isso hahaha, procedimentos não, mas orçamentos sim. Eu uso produtos para queda de cabelo." #4

"eu não uso nada, uso um negócio no rosto que previne as marcas de expressão, mas eu uso mais pois tenho a pele oleosa, não dá para dizer que eu uso para prevenir o envelhecimento" acrescenta: *"atualmente o meu problema maior é com a queda do cabelo, se eu for comparar como era o meu cabelo um tempo atrás, três, quatro anos atrás eu tinha muito mais cabelo. Quando eu lavo o meu cabelo eu noto mais. Isso é uma coisa que eu tenho dificuldade."* #6

Os colaboradores #1 e #2 fizeram menção aos hábitos de vida como medidas que alteram a forma de envelhecer, os colaboradores #4 e #6 mencionaram a preocupação com os cabelos e

os demais colaboradores referiram não adotar nenhuma medida entendida como anti-envelhecimento.

As rugas e os cabelos brancos são desvalorizados do ponto de vista estético, esta desvalorização acontece também no Brasil, refletindo-se em um elevado número de pessoas que realizam ou que gostariam de realizar procedimentos que prometem rejuvenescimento físico. Diante deste clima de negação da velhice é comum existirem discursos que antecipam os sinais do envelhecimento ou os supervalorizam. Existem vários padrões estéticos diferentes em uma mesma sociedade, assim sendo, nem sempre o que é lido como sinal de velhice em um contexto pode ser sinal de velhice em um outro contexto. O que é sexualmente atrativo também tem variações (ALVES, 2010). Nos homens gays jovens a preocupação com os cabelos é a questão mais frequentemente narrada.

7.8 O QUE É SER VELHO NO IMAGINÁRIO DO GAY JOVEM?

Algumas relações sobre o que é ser velho chamaram a atenção do pesquisador e seguem como um convite a reflexão sobre os estereótipos do envelhecimento e suas ligações com o capacitismo.

“eu namorei um cara que tinha 41, quando eu tinha 16. Pra mim com 16 ele era velho, mais de 20 anos de diferença, ele era mais maduro e estava cansado” #1

“algumas coisas eu já visualizo, entre amigos, a gente já diz que está velho quando não quer ir mais para a balada, quando está ficando gripado ou com frio, essas coisas” #2

“acho que tu ficar velho é amadurecer, eu nem ligo pra parte física, eu sinto que de alguma forma eu já estou envelhecendo, não faço festa como antigamente” #3

“eu acho que a maior parte da nossa geração não tem a mínima noção desse futuro” #4

“essa parte de envelhecer é triste porque essa coisa de tu viver as coisas pela primeira vez, é muito mais legal” #6

“idoso me vem família, a pessoa que vai unir a família, a pessoa que vai chamar para encontros, filhos, netos e bisnetos. Eu tenho isso na minha vida sempre né, com relação a minha vó, meu vô” #7

O colaborador do estudo com mais idade possui 32 anos, o que denota a compreensão dos colaboradores sobre o envelhecimento como um processo e não como um resultado. As visões estão intimamente conectadas com as capacidades funcionais, legitimando que envelhecer é ter prejuízos no que é socialmente lido como próprio da juventude, como por

exemplo experimentar coisas pela primeira vez (#6) ou participar de festas (#2 e #3). Vale aqui ressaltar que os ambientes de socialização, como as festas, tem grande importância para as minorias, pois são ambientes que ao reunir os iguais se tornam permissivos a expressão de gênero e sexualidade com maior liberdade e segurança.

O culto a juventude é um dos traços mais constantes da cultura gay, menos observado na cultura lésbica, legitimando valores de corpo belo, bom e a ser zelado. As revistas e outras mídias gays, ao discursar sobre os corpos, mostram somente jovens belos como homossexuais. Parece existir aí um modelo de homonormatividade (POCAHY, 2012).

7.9 IDADE E RELACIONAMENTOS

A intergeracionalidade e os relacionamentos afetivo-sexuais são um assunto tabu. Seguem algumas considerações dos colaboradores do estudo.

"eu ainda tenho uma coisa assim, de faixas etárias muito distantes limitarem um pouco para relacionamento, não que seja impossível, mas existe um preconceito interno da gente, não tenho desejo de me relacionar com alguém mais velho" #2

"as pessoas são preconceituosas, não aceitam cantadas de pessoas mais velhas" #3

"uma pessoa velha se me canta, já tem todo um estereótipo formado, já acho que é casado, que tem família, enfim esposa e está tentando te cantar para uma relação extraconjugal" #4

O fato da sexualidade não se extinguir com o envelhecimento contribui para o estudo da sua real importância na construção das trajetórias de vida (ALVES, 2010). As relações intergeracionais podem encontrar fetichização em alguns contextos, o que facilita a aproximação entre pessoas de diferentes idades, como por exemplo bares para públicos específicos, saunas e salas virtuais de bate-papo. Estabelecem-se aí os perfis “daddie” ou “paizão” ou “tiozão” referindo-se aos homens homossexuais mais velhos e os perfis “twink” ou “tens” ou “gurizão” envolvendo os homens gays mais jovens (SANTOS; LAGO, 2013).

As falas dos colaboradores do estudo não denotam interesse afetivo-sexual por pessoas mais velhas, mas vale ressaltar que isto não foi diretamente questionado.

As capacidades funcionais e a orientação sexual podem ser percebidas como componentes interligados para os seres serem lidos com assexuados ou não. A sexualidade humana possui recortes diversos com relação a sua estética, as limitações físicas, por exemplo, contribuem para a visão assexuada do indivíduo, desqualificando a possibilidade de estabelecerem relacionamentos satisfatórios (SOUZA; MOLEIRO, 2015).

A literatura aponta existir nas falas dos homossexuais idosos a erotização do possível encontro entre homens mais velhos e homens mais jovens. O corpo que envelhece se modifica, mas isto não implica em uma dessexualização do indivíduo. Neste contexto, gays mais velhos estabelecem encontros com gays mais jovens por diversos possíveis caminhos, como os encontros pagos por meio da negociação de valores, o interesse em códigos geracionais diferentes ou atração sexual, afinal de contas não existem impeditivos para uma pessoa jovem sentir atração sexual por uma pessoa mais velha.

Este formato de desejo sexual ainda é tabu na sociedade marcada pela relação sexualidade e juventude (SANTOS; LAGO, 2013). As salas de bate-papo parecem ser ambientes mais frequentemente acionados para socialização e paquera com foco intergeracional. A ideia de que corpos envelhecidos não são eróticos é apontado como uma desvantagem e acaba afastando as pessoas mais velhas dos espaços de conquista sexual (ALVES, 2010).

7.10 COMUNIDADE GAY

Os colaboradores do estudo foram questionados sobre suas percepções sobre o quanto a comunidade gay é aberta ou receptiva com relação a inserção de homem idosos homossexuais.

"eu acho que tem preconceito sim, eu acho que é tudo muito baseado nas bichinhas novinhas, as guriazinha e eu acho que tem que ter espaço para todo mundo" #1

"em teoria a comunidade LGBT é a mais aberta que existe, mas na prática, se já tem preconceito entre os LGBTs mais jovens, imagina com os idosos" #4

"A comunidade deveria acolher a todos" #5

"Difícil, meio dasapontador [ser gay] esperamos que os pais nos acolham, que o meio nos acolha, mas muitas vezes somos discriminados dentro de casa, e dentro da comunidade LGBT. Existem muitos LGBT que acham que são superiores aos outros, ou pq são heteronormativos, ou pq são afeminados" #5

As falas dos colaboradores mencionam existir recortes dentro da comunidade LGBT e mesmo dentro da comunidade G. A heteronormatividade, que é baseada no ideal de beleza e juventude, parece ainda moldar comportamentos dentro das comunidades de diversidades. Sendo quem está mais próximo da regra é melhor aceito. Vale, e muito, aqui mencionar que os movimentos de resistência ao longo da história foram encabeçados muito mais por aqueles a margem da norma do que por aqueles ao centro da norma.

7.11 FALTA DE REPRESENTATIVIDADE

Ficou bastante evidente que existe uma falta de visibilidade e de representatividade do homem gay idoso na sociedade atual. A pesquisa qualitativa, com foco no estudo dos fenômenos nem sempre consegue responder a um assunto, o encerrando por completo. Os efeitos claros do impacto da falta de representatividade ainda são desconhecidos, mas as percepções dos colaboradores sobre o tema indicam possíveis pontos de partida.

"acredito sim, se tu for parar para pensar, não tem. um lá que outro, escondido. Não tem um gay assim, para mostrar para todos os homossexuais que tem chance de envelhecer feliz, eu sinto falta de ter um modelo" #1

"eu acho que eu mesmo vou construir isso [referindo-se a ausência de referência de homem gay idoso] vou levar para o lado de ser saudável" #2

"sim [referindo-se a possibilidade da ausência de modelo dificultar a projeção de futuro] eu não tenho contato com ninguém gay e velho, não faço nem ideia de como pode ser a velhice" #3

"no ambiente que eu trabalho eu vejo o meu passado, as crianças que estão se assumindo, tu vê que elas são gays. Eu sou modelo para elas [...] mas eu não tenho modelo de futuro" #3

"acho que a gente tem uma crise de representatividade, a gente tem muitos gays que estão na mídia, que são referências para todo mundo, mas que são jovens. Gays em idade mais avançada, carece dessa representatividade. Eu acho que essa crise de representatividade já interfere na minha vida. A gente vive numa sociedade tão heteronormativa, a gente acaba tendo que criar os nossos próprios modelos, como a gente não tem as referências, não temos um caminho muito claro"

O colaborador #4 acrescentou ainda que a representatividade por meio da visibilidade pode ser importante também para a pessoa heterossexual, no sentido de sensibiliza-la:

"acho que a referência também é importante para os não-gays, para se tornarem mais próximos"

No final da entrevista, visivelmente impactado com as questões levantadas o colaborador #4 ainda acrescenta:

"eu nunca tinha pensado nisso, nossa! Mas influencia muito, muito, muito [pausa breve] a falta de representatividade, de família. Mesmo o LGBT, quando fala de família, fala em no máximo ter filhos e não em ter netos. Acho que é o máximo de representatividade que temos, casais com filhos." #4

"Sim, eu pego essa referência, pelo o que minha mãe diz, sabe? Esse pensamento vem muito dela. Acredito que se houvesse mais gays idosos em evidência, eu teria um conceito menos solitário referente a minha própria velhice." #5

“sim, totalmente [questionado sobre a relação dificuldade de se imaginar idoso e falta de representatividade] tanto é que quando tu me questionou do modelo, um gay da terceira idade, logo busquei na mídia, né. E, além de eu conseguir buscar poucos de cabeça, que me veio na cabeça na hora, foi o ator aquele [menciona o ator], nenhum deles assim, eu tenho como um modelo, acho que eles são todos muito reservados, não conheço como pessoa, só o trabalho deles” #6

“ai, eu to com uma visão mais otimista. É, realmente, a gente não tem referência de famílias com idosos gays, mas hoje, como a nossa geração já está representando mais, acho que isso vai aumentar” #7

As narrativas dos colaboradores sugerem existir um impacto social do que pode ser chamado de crise de representatividade, interferindo nas visões de futuro e na composição do simbólico.

A invisibilidade de alguns segmentos da população contribui para que a sexualidade nestas populações seja lida como inexistente (SOUZA; MOLEIRO, 2015). A ideia de normalidade, de pertencimento, é sedutora, na perspectiva de poder confere ao indivíduo a promessa de aceitação, saúde, felicidade, longevidade e beleza. A norma é estabelecida e a tendência é das pessoas elitizarem perfis “mais na norma” e os estabelecerem como ideais de vida. A sociedade atual se estabelece também pela competitividade e volatilidade, sendo facilmente modulável (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Quanto mais diversa a pluralidade de expressão do que é ser humano, maior a capacidade de identificação com diferentes possibilidades de normas, assim ofertando um leque maior de encontro entre iguais estabelecendo assim a sensação de pertencimento.

É importante ressaltar que, uma parcela importante, dos poucos idosos gays visíveis, seja na mídia ou fora dela, reproduzem discursos LGBTfóbicos, com maior frequência discursos transfóbicos ou machistas. Santos e Lago (2013), entrevistando homens gays mais velhos, encontrou discursos de desaprovação a atual juventude, em especial no que diz respeito as expressões de gênero. Os homens entrevistados inseriram em seus discursos falas com relação a não ser necessário ser gay e afeminado, aversão a feminilizações de homens e travestis e viam com maus olhos a juventude que não é discreta. Reiterando lógicas rígidas e normativas absorvidas em diferentes tempos, contextos e ambientes. Neste mesmo estudo, um dos colaboradores narrou pensar ser ridículo ele frequentar ambientes destinados a homossexuais mais jovens. A representatividade é importante em quantidade, mas também nas qualidades em que se faz visível.

A velhice sexual, permanece ainda distante da possibilidade da ideia de experimentação, ou seja, existem poucos discursos sobre a possibilidade da experimentação e da identificação com a homossexualidade ocorrer no indivíduo já envelhecido (POCAHY, 2012). A crise de

falta de representatividade pode atuar negativamente não só na juventude, mas também nas restrições para a experimentação em indivíduos idosos.

Travestis idosas ressaltam que envelhecem de formas diferentes, mesmo entre elas, apontando ser difícil sinalizar o processo aos demais. Comentam que servem de modelo para as mais novas, já que são sobreviventes a prostituição, uso abusivo de drogas e a violência urbana (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Devemos pensar na pessoa idosa no momento do agora, remete-la somente ao passado é fazer um sequestro do momento presente (POCAHY, 2012). Possibilita-se assim, debater não só a construção social da invisibilidade, no sentido do seu passado, mas também problematizar a sua permanência, no sentido do seu presente. Quais são os ajustes dos discursos sociais necessários para o empoderamento dos homens gays idosos?

A história de vida de um indivíduo é um material precioso, demonstrando as relações entre o indivíduo e o contexto histórico-social, o ato de contar a própria história é vista como uma forma de dar sentido a trajetória pessoal e como uma oportunidade de colocar-se como um sujeito da própria história (ALVES, 2010). Torna-te visível.

PARTE II

A pesquisa e o pesquisador

7.12 EU: JOVEM, GAY E PESQUISADOR

A pesquisa nasce do olhar curioso do pesquisador. Na pesquisa qualitativa em especial, o pesquisador está inerido com maior profundidade em sua pesquisa e por vezes é objeto de estudo e em outras vezes é observador do fenômeno. Concluo a escrita desta tese com 29 anos recém feitos, tendo portanto a idade, o gênero e a orientação sexual alvos do estudo. Não tenho como negar que a pesquisa me atravessou, por isso surgiu a necessidade deste capítulo que trata do coração por trás das linhas. A escrita científica em primeira pessoa do singular.

Ao longo da coleta de dados foram diversas as oportunidades de falar com pessoas gays sobre os objetivos do estudo, tive a oportunidade de ver pessoas que nunca tinham se questionado sobre a baixa representatividade do homem gay idoso percebendo o seu real impacto no imaginário, e portanto, no modelo ou ideal de envelhecimento. Abriam-se a cada entrevista olhares questionadores sobre a questão e elogios frequentes sobre a escolha do tema. Mas e eu? Escrevendo uma tese, encontrando uma riqueza ímpar de resultados, por que não

estava feliz? Analisava as linhas sendo escritas sem contentamento aparente pelo andamento do meu projeto de ser um doutor.

Eu não tinha percebido que o retrato da baixa representatividade, vindo das vozes de homes gays jovens, também continham a minha voz. Eu ainda não tinha percebido que apesar do conhecimento em geriatria preventiva, longevidade, entre outras coisas, eu não acreditava de fato que um dia envelheceria. Eu também tenho a visão e a sensação que não chegarei lá. Quando percebi isso, ocorreu aversão a escrita e choro, precisei de um tempo. Pesquisador e pesquisa, antes casados, passaram a discutir a relação. Precisei me organizar. Refletir sobre quem para mim representava a figura do homem gay idoso. Foi duro perceber que, mesmo apaixonado pelos meus avós, eles não davam conta de ter a força necessária para compor um modelo de futuro. Eles eram a regra e meu desejo a transgressão.

Minha pesquisa me modificou, me tocou. Talvez aí se encontre a grande importância de estudarmos a nós mesmos e não apenas sermos alvo de um observador externo. Pude junto a estas linhas imaginar a minha geração idosa, me imaginar idoso, fazer uma análise de possíveis discursos gerontofóbicos e avaliar o peso da heterocisnormatividade.

Estas poucas linhas visam dar fé a pesquisa qualitativa como agente de transformação do pensar com base no entendimento dos fenômenos do viver. Ainda não tenho meu modelo de vovô e vovô, mesa farta e natal com luzinhas, mas já aquietei no meu coração a ideia de que farei parte de uma construção coletiva de uma terceira idade que vai ser “um ahazo”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi objetivo deste estudo determinar padrões de pensamento ou generalizar visões sobre um tema, mas sim analisar profundamente os discursos apresentados e acrescentar a temática estas possibilidades de outros olhares.

Com base nos depoimentos coletados por meio das entrevistas é possível problematizar a baixa representatividade do homem idoso homossexual e seus possíveis impactos no imaginário de gays jovens com relação ao processo de envelhecimento e velhice.

Os colaboradores deste estudo não possuem nos seus vínculos de convivência homens idosos homossexuais e demonstram uma baixa representatividade dos mesmos na mídia. Segundo os autores estudados são vários os possíveis motivos para a baixa representatividade, dentre eles, destacando-se a não identificação do indivíduo com a orientação sexual homossexual, o impacto dos confrontos familiares e sociais agravados pela heteronormatividade, o medo da marginalização e o duplo-estigma.

A dificuldade dos homens gays jovens em se imaginarem velhos está relacionada com a baixa representatividade, tendo os depoimentos coletados sinalizado que a ausência de um modelo socialmente visível gere este impacto no imaginário e nos seus símbolos. A ausência de netos e a presença de filhos no imaginário, corrobora com a literatura pesquisada como um reflexo da forma como a sociedade está estruturada, relacionada ao aumento recente das famílias homoafetivas, sendo as famílias com filhos mais visíveis e numerosas na atualidade do que as famílias homoafetivas com netos, justificando assim a composição destes símbolos no imaginário.

O medo de envelhecer solitário fez-se recorrente nas falas dos homens gays jovens, reflexo do estereótipo do gay idoso solitário. A falta de representatividade de idosos gays envelhecendo de forma ativa e bem-sucedida parece alimentar o estereótipo e discursar favorável ao envelhecimento como depreciativo e fator de isolamento social. Habita no imaginário que a atual geração de homens gays jovens, ao envelhecer, fará uma construção mais representativa e empoderada da velhice homossexual.

A baixa visibilidade parece ofertar aos homens gays jovens vínculos de faixas etárias muito próximas, possibilitando assim poucas interações intergeracionais, seja para amizade ou relacionamento afetivo-sexual. O que é ser idoso no imaginário está conectado as capacidades funcionais e ao desejo da manutenção de signos ligados ao que é entendido como ser jovem. Frequentemente, o imaginário dos colaboradores não alcançou visualizações acima dos sessenta anos de idade, atribuindo valores do “ser velho” a faixas etárias anteriores a estas.

A percepção dos colaboradores do estudo com relação a falta de representatividade colabora para a percepção que existam impactos negativos no imaginário de jovens com relação a capacidade de projetar-se no futuro.

Devido a escassez de literatura específica abordando a visão de gays jovens com relação as diferentes representatividades, não foi possível estabelecer uma comparação com dados obtidos em outros estudos previamente realizados. No entanto, este estudo aborda a natureza de um fenômeno, servindo como base, um ponto de partida, para estudos com outros delineamentos que possam visar um mapeamento mais aprofundado dos impactos da visível falta de representatividade.

Este estudo impossibilita atestar os reais impactos da falta de representatividade, mas problematiza a questão e corrobora ao conceito de que o imaginário é composto de símbolos captados dos signos que se fazem visíveis, portanto, a baixa representatividade empobrece o imaginário podendo trazer consequências ao indivíduo, em especial, na sua capacidade de compreender-se com um ser dotado de futuro. Sugere-se, a partir do estudo deste fenômeno, que surjam outras pesquisas, com outros recortes, visando contribuir para a transformação dos discursos sociais.

REFERÊNCIAS

- ABDO CHN. **Descobrimento sexual do Brasil: para curiosos e estudiosos.** São Paulo: Summus,2004.
- ALMEIDA, T. D.;LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**,v. 10, n. 1, p. 101-13, 2007.
- ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina.**Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 213-33, 2010.
- ALVES, Z. M. M. B.;SILVA,M. H. G. F. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.**Paidéia**,v. 2, p. 61-9, 1992.
- ANTUNES, P. P. S.;MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Kairós**,v. 14, p. 109-32, 2012.
- BASTOS, G. G.;GARCIA, D. A.;SOUSA, L. M. A. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação.**Ling. (dis)curso**,v. 17, n. 1, p. 11-24, 2017.
- CAPODIECI, S. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos.** São Paulo: EDUSC,2000.
- CAULFIELD, S.;MARTINS,T. E. A dignidade humana, o direito de família e o casamento homoafetivo no Brasil, 1988-2013. **Revista do Arquivo Nacional**, v. 30, n. 1, p. 179-194, 2017.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- HEILBORN,M. L.Entreastramasdasesexualidadebrasileira.**Estudos Feministas**,v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.
- JOIA, L. C.;RUIZ, T.;DONALISIO, M. R. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. **Revista de Saúde Pública**,v. 41, n. 1, p. 131-8, 2007.
- LÜDKE, M.;ANDRÉ, M. E. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MESQUITA, P. M.;PORTELLA, M. R. A gestão do cuidado do idoso em residência e asilos: uma construção solitária fortalecida nas vivências do dia-a-dia. In: PASQUALOTTI, A.;PORTELLA, M. R.;BETTINELLI,L. A. (Orgs.).**Envelhecimento humano: desafios e perspectivas.** Passo Fundo: UPF, 2005. p.72-94.
- NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa.** A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina,1999.

OLIVEIRA, D. M.;JESUS, M. C. P.;MERIGHI,M. A. B. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo; Climaterio y sexualidad: la comprensión de esa interface por mujeres assistidas em grupo.**Texto & Contexto Enfermagem**,v. 17, n. 3, p. 519-26, 2008.

OMS. **Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento**. 8 mar. 2013. Disponível em:<<http://www.who.int/es/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

POCAHY, F. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas.**Ex Aequo**, v. 26, p. 43-56, 2012.

RAMOS, L. R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**,v. 19, n. 3, p. 793-8, 2003.

ROSA, J. M. et al. A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. **Psicologia: Ciência e Profissão**,v. 36, n. 1, p. 210-23, 2016.

SANTOS, D. K.;LAGO, M. C. S. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si.**Sexualidad, Salud y Sociedad**,v. 15, p. 113-47, 2013.

SOUSA, M. J. A.;MOLEIRO, C. M. M. Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social.**Sexualidad, Salud y Sociedad**,v. 20, p. 72-90, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas,1987.

ULBRA. **Teoria dos movimentos sociais**. Afiliada, 2008.

WYLLYS, J. **Tempo bom, tempo ruim** – identidades, políticas e afetos. São Paulo: Paralela, 2014.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Venho por meio deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada: A relação sexualidade e envelhecimento de indivíduos homossexuais. Sou estudante do curso de pós-graduação no Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob orientação do professor Newton L. Terra, cujo objetivo é conhecer a percepção de sexualidade e envelhecimento de homossexuais.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada e que tem a duração aproximada de trinta minutos, contendo seus depoimentos sobre as perguntas feitas, a qual o Sr.(a) responde somente as perguntas em que se sentir confortável em responder.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico e o risco na participação é mínimo.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores através dos fones (51) 97145284 ou (51) 98067728 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, Av. Ipiranga 6681, Prédio 40 - Sala 505 Porto Alegre /RS - Brasil - CEP: 90619-900 Fone/Fax: (51) 3320.3345. De segunda a sexta-feira Manhã: 8h30min às 12h Tarde: 13h30min às 17h. Porto Alegre de _____ de 2015.

Cristiano da Costa Flôres

Orientador: Newton L. Terra

Nome e assinatura do participante _____ Data: _____

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome: _____

Idade: _____ anos.

Se identifica como homem () sim () não

Escolaridade: _____

Religião: _____

Renda média mensal: _____

PERGUNTAS NORTEADORAS

Quem é tua referência de um homem idoso gay?

Como você se imagina idoso?

Como você pensa que se dará a construção da nossa geração como terceira idade gay?

Qual a idade da pessoa LGBT mais velha que você convive?

Como você acha que impacta na sua vida a falta de representatividade do homem idoso gay?

EXERCÍCIO PROPOSTO

Se imaginar idoso

APÊNDICE C - ARTIGO

Título completo:

PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A BAIXA REPRESENTATIVIDADE DO HOMEM
GAY IDOSO

Título abreviado:

REPRESENTATIVIDADE DO HOMEM GAY IDOSO

Títulocompletoem inglês:

PROBLEMATIZATIONS ON THE LOW REPRESENTATIVENESS OF THE OLD
GAY MAN

Título abreviado em inglês:

REPRESENTATIVENESS OF THE OLD GAY MAN

OS AUTORES:

Cristiano da Costa Flôres – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da PUCRS, Mestre em Gerontologia Biomédica

Newton Luiz Terra – Doutor em Gerontologia Biomédica PUCRS, Professor do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS.

Contribuições para o estudo:

Cristiano da Costa Flôres – coleta, análise de dados e redação do artigo

Newton Luiz Terra – redação e revisão do artigo

Dados para correspondência:

Cristiano da Costa Flôres – Avenida Joaquim Nabuco 1044/402 CEP 93310-001 Novo

Hamburgo, Rio Grande do Sul Telefone (51) 998067728 Email:

dacostaflores@gmail.com

Sugestão de título na possibilidade de utilizar mais caracteres: "O NOME DE UMA IRENE? DEIXA EU PENSAR..." PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A BAIXA REPRESENTATIVIDADE DO HOMEM GAY IDOSO

RESUMO

Introdução: A representatividade homossexual se constrói por meio da visibilidade estabelecendo signos que compõe o imaginário. Estabelecem as instituições, a moral e a sociedade a heterossexualidade como regra, sendo aqueles que as transgridem indivíduos que compõe as minorias sociais. A representatividade, como alimento do imaginário, tem importância fundamental para que os integrantes das ditas minorias encontrem seus pares e se construam como seres existentes. Objetivo: Conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais sobre envelhecimento e representatividade Método: Estudo de paradigma qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, realizado por meio de sete entrevistas semi-estruturadas com indivíduos que se identificam como homens homossexuais. As entrevistas foram gravadas, transcritas e agrupadas em categorias conforme a homogeneidade de conteúdo. Análise e discussão dos dados: Os depoimentos coletados possibilitaram a problematização da falta de representatividade em categorias baseadas na ausência de modelos de velhice gay, o medo da solidão, a dificuldade de se imaginar idoso e a autopercepção dos impactos da crise de representatividade. Considerações finais: É possível problematizar a baixa representatividade do homem idoso homossexual e seus impactos no imaginário de gays jovens com relação ao processo de envelhecimento e velhice. A baixa convivência de homens gays jovens com idosos gays demonstra a baixa representatividade dos mesmos nos vínculos de convívio e na mídia, somados a presença do estigma do envelhecer solitário. A falta de representatividade de idosos gays envelhecendo de forma ativa e bem-sucedida

parece alimentar o estereótipo e discursar favorável ao envelhecimento como depreciativo e fator de isolamento social.

Palavras-chave: homossexualidade, representatividade, velhice

ABSTRACT

Introduction: Homosexual representativeness is built through visibility by establishing signs that make up the imaginary. Institutions, morality and society establish heterosexuality as a rule, being those that transgress individuals that make up social minorities. The representativeness, as food of the imaginary, has fundamental importance so that the members of said minorities find their peers and construct like existing beings. Objective: To know the perception of homosexual men about aging and representativeness. Method: Qualitative paradigm study of the descriptive-interpretative type, carried out through seven semi-structured interviews with individuals who identify themselves as homosexual men. The interviews were recorded, transcribed and grouped into categories according to the homogeneity of content. Data analysis and discussion: The collected testimonies made it possible to problematize the lack of representation in categories based on the absence of models of gay old age, the fear of loneliness, the difficulty of imagining the elderly, and the self-perception of the impacts of the representative crisis. Final considerations: It is possible to problematize the low representativeness of the homosexual elderly man and its impacts on the imaginary of young gays with respect to the process of aging and old age. The low coexistence of young gay men with gay elders shows their low representativeness in social bonds and in the media, in addition to the presence of the stigma of the lonely aging. The lack of representativeness of active and successful aging elderly genders seems to feed the stereotype and discourse favorable to aging as a derogatory and social isolation factor.

Keywords: homosexuality, representativeness, old age

INTRODUÇÃO

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) juntos integram a comunidade LGBT, um movimento social de luta e resistência que se organiza e se estabelece em diferentes formatos e contextos.¹ Quando um integrante da comunidade assume publicamente seu gênero ou orientação sexual, este se torna visível, gerando representatividade aos demais. Este estudo aborda e problematiza a representatividade do homem gay idoso na construção do imaginário de homens gays jovens.

Um significado geral atribuído a ao conceito de homossexualidade é o desejo sexual e emocional por pessoa do mesmo sexo.² Homoafetividade é o termo utilizado para se referir ao relacionamento afetivo-sexual.³ Tendo como base a heterossexualidade com a norma estabelecida pelas instituições, pela moral e pelo social, evidencia-se a importância da representatividade, espaço subjetivo onde os que transgridem as normas vigentes encontram os seus pares. Fazer parte de uma minoria social, por definição, expõe que não se faz parte da maioria. O que em si expressa a ideia de ser uma parcela da população que foi excluída e tem agravos nas suas relações de pertencimento.⁴

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais sobre envelhecimento e representatividade suscitando discussões e redefinições.

MÉTODO

O ponto de partida da presente pesquisa é a pergunta: A ausência de referência de homem homossexual idoso interfere de que forma no imaginário do homem jovem homossexual com relação ao processo de envelhecimento?

Este é um estudo qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, pois a pesquisa qualitativa permite identificar fenômenos e entendê-los.⁵Os participantes do estudo são pessoas que se identificam como homens homossexuais, de idade igual ou maior que dezoito anos, participantes de um coletivo LGBT do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, de forma individual, em ambiente privativo e silencioso. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A coleta de dados foi finalizada utilizando o critério de saturação. A entrevista semi-estruturada permite a participação ativa do pesquisador, estabelecendo vínculo de profundidade nas perguntas e permite que o entrevistado fique à vontade para fazer as suas considerações sobre os temas abordados.^{6,7}

As entrevistas foram realizadas mediante agendamento prévio e o convite para a participação foi realizado por meio de um aplicativo de celular para os indivíduos cadastrados como participantes do referido coletivo. A pesquisa foi realizada após o seu projeto ser aprovado pela Comissão Científica do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica e do Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A gravação foi iniciada somente após a explicação dos objetivos da pesquisa, a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato dos colaboradores foi garantido assim como os demais preceitos éticos vigentes em pesquisa.

A análise dos dados obtidos foi realizada por meio da categorização, agrupando dados conforme a homogeneidade de assuntos. As categorias não foram pré-estabelecidas, elas emergiram da coleta e análise dos dados.⁸

Para cada categoria foram utilizadas a fala do sujeito seguida do uso da literatura.⁹

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Os colaboradores do estudo são pessoas que se identificam como homens e homossexuais, participantes de um coletivo LGBT de Porto Alegre e região metropolitana no Rio Grande do Sul. As idades variam entre os 18 e 32 anos, ficando na média de 24 anos.

Perfil dos colaboradores do estudo				
Colaborador	Idade	Escolaridade	Religião	Renda mensal
#1	21 anos	fundamental incompleto	umbandista	R\$ 1.100,00
#2	32 anos	superior incompleto	não definida	R\$ 4.000,00
#3	23 anos	superior incompleto	umbandista	R\$ 2.000,00
#4	25 anos	superior completo	não definida	R\$ 4.500,00
#5	18 anos	médio completo	ateu	R\$ 1.100,00
#6	28 anos	superior incompleto	não tem	R\$ 5.000,00
#7	23 anos	superior completo	ateu	R\$ 2.500,00

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

UM GAY IDOSO? RELATOS SOBRE REPRESENTATIVIDADE

Ao serem questionados sobre um nome ou uma referência de um homem idoso homossexual, os colaboradores do estudo responderam:

[pausa 4 segundos] *“um homem gay idoso? [pausa 2 segundos] o Pedro Bial haha eu acho que ele sabe se portar como um homossexual” #1*

“eu não tenho bem assim, não tenho mesmo” e ainda completa: “até tenho uma pessoa conhecida, mas não chega a ser, não classifico como idoso. Ele não tem idade suficiente para isso, está se encaminhando para isso, ele tem 50 anos, não é idoso” #2

“ah, essa é uma pergunta bem complicada, carecem de pessoas de mais idade que sejam gays, para a gente ter como referência de fato. Então referências de gays [idosos] eu acredito que eu não tenha nenhuma” O colaborador #4 completa, dizendo: *“eu não tenho referências próximas e nem na mídia, por que se é para ser referência, acho que nenhum me atinge de fato” #4*

“Bah, RuPaul? hahaha Não tenho uma referência de um idoso gay” #5

“modelo? Eu acho que eu não tenho referência de gay idoso. [questionado sobre a mídia] não, nem na mídia.” #6

[pausa 2 segundos] “hummm” [pausa 3 segundos] “*como que é o nome daquele? Daquele? É Ney Matogrosso? Ele é a primeira pessoa que eu consigo pensar*” [...] “*quando tu fala em idoso gay, ele é o primeiro que me vem, assim..*” #7

O colaborador #1 cita o jornalista e apresentador de televisão Pedro Bial, no entanto não existem registros na mídia de que o referido jornalista seja assumidamente homossexual, pelo contrário, os registros mencionam relações heteroafetivas e filhos. Outra questão que chama a atenção nesta fala, é incluir o jornalista como idoso. Na data da entrevista Pedro Bial estava com 59 anos, portanto não é considerado idoso. RuPaulAndre Charles é um ator/atriz, dragqueen e cantor americano de 56 anos, portanto, também não é pessoa idosa. Existem declarações dele se referindo a si próprio com pronomes masculinos e femininos, portanto transita entre os gêneros binários. Diferente do colaborador #7, que cita o cantor e performer brasileiro Ney Matogrosso, que é assumidamente homossexual e na data da entrevista estava com 75 anos.

Percebe-se então, que da totalidade dos colaboradores entrevistados apenas um tem efetivamente uma referência ou um nome de um idoso homem e homossexual, e que o mesmo demorou alguns instantes para nomeá-lo. Ainda assim o nome tem sua origem na grande mídia e não no convívio pessoal. A pesquisa qualitativa não visa atestar ou provar algo, mas sim estudar um fenômeno, percebe-se por meio da entrevista a existência clara de uma baixa representatividade do homem idoso gay para os colaboradores deste estudo, mas não torna o dado reprodutível a toda a população homossexual.

É necessário problematizar este apontamento, ou seja, realizar um movimento de análise que possibilite compreender como um conjunto de práticas discursivas pode interferir no imaginário de um segmento populacional.¹⁰ Entendendo aqui, que a

visibilidade gera representatividade, e a forma com a qual estes corpos discursam interfere no imaginário daqueles que se espelham no seus modelos, existindo possíveis impactos na falta de símbolos ao imaginário. Quando uma pessoa se assume homossexual, se declarando dentro desta identificação, é a declaração que é performativa e não a orientação sexual.

A literatura científica sobre a homossexualidade vem crescendo recentemente no Brasil, demonstrando o interesse que o assunto desperta, contudo grande parte destes estudos concentra-se na faixa etária jovem.¹¹A carência de estudos com gays idosos dificulta o levantamento de possíveis causas da baixa representatividade, aponta-se a seguir algumas possibilidades.

É importante mencionar que manter relações sexuais e assumir uma identidade sexual são processos distintos, nem sempre associadas como etapas em sequência.¹¹ Ou seja, o indivíduo pode ter tido ou ter relações sexuais homossexuais em diferentes momentos da vida e não se identificar com uma identidade sexual específica, ou pode ainda, se identificar dentro de uma orientação sexual e não torna-la socialmente visível. A baixa identificação com um rótulo de uma orientação sexual específica somada aos estereótipos deste rótulo pode contribuir para que pessoas não se identifiquem como gays ou homossexuais publicamente.

Santos e Lago (2013) em seu estudo sobre homossexualidade e velhice levantam ainda uma outra possibilidade: o impacto dos confrontos familiares e pressões sociais. Confrontados por suas famílias e pelo social, muitas pessoas homossexuais acabaram constituindo famílias heteroafetivas, na intenção de apagar o desejo que era lido como proibido. Os homens são confrontados pelo imperativo social da reprodução, da paternidade, do matrimônio e do papel de provedor. Nem todas as pessoas LGBTs ao longo da história encontraram estratégias para vivenciar

seus gêneros e sexualidades.¹² Estes imperativos sociais (morais) são elementos da construção da masculinidade. Ainda neste estudo os autores mencionam que existia um custo muito alto (social e emocional) para os indivíduos se oporem a norma social. As instituições legitimam o modelo heterossexual de família ao passo que na juventude dos atuais idosos a união entre as pessoas do mesmo sexo e o uso do nome social não tinham reconhecimento civil.

O medo da marginalização é, portanto, outra possibilidade, sendo apontado como um dos desafios da população LGBT, sendo frequentemente o motivo mais citado para esconder a orientação sexual e sua expressão.²

Vale ressaltar que as pessoas que hoje são consideradas idosas, envelheceram em contextos históricos, políticos, e culturais diferentes dos atuais. Quem teve a sua juventude estabelecida nos anos 60 ou 70, por exemplo, enfrentou regimes políticos autoritários. A história da homossexualidade está conectada com as produções de discursos de cada tempo histórico, assim prevalecendo outros códigos e outras moralidades. Pensando assim a diferença na quantidade de pessoas fora do armário em diferentes faixas etárias. Não afirma-se aqui que não haja atualmente impacto da heteronormatividade, mas que este se coloca na atualidade de outra maneira, menos opressora.¹²

Apontam SANTOS e LAGO (2013) que o sujeito idoso e homossexual habita uma zona limítrofe, dotada de resistência e subjetivação, face o modelo hegemônico.¹² Considerando que, quem hoje tem mais de sessenta anos de idade, conviveu com regimes políticos rígidos, períodos de maior vigilância dos prazeres pelos discursos da moral, enfrentou a epidemia de AIDS e todo o estigma alimentado pela sociedade e pela comunidade científica que batizou a doença de “câncer gay”. Estas pessoas tem, portanto, o medo da marginalização mais presente em suas memórias. Estas

peessoas, que carregam em si a história recente da homossexualidade, poderiam ensinar muito sobre o saber de si, resistência e a história das subjetividades aqueles que com menos idade absorvem e enfrentam os resultados destes contextos mas não mais se inserem neles.

O impacto do duplo estigma é outra possibilidade, como por exemplo gay e pessoa com deficiência, gay e negro, gay e pobre ou gay e velho. Algumas minorias, dentro de minorias, não se identificam com o ativismo LGBT, contribuindo para a manutenção da invisibilidade e baixa participação cívica.²

Esconder a orientação sexual ou retornar ao armário em indivíduos homossexuais idosos parece ser uma estratégia de sobrevivência, pois entre heterossexuais idosos há uma evitação da homossexualidade e entre jovens homossexuais há uma aversão a velhice, justificando assim a invisibilidade.¹²

Alves (2010) ao estudar mulheres homossexuais idosas demonstrou que os lugares de sociabilidade homossexual são vistos por elas como lugares mais jovens, onde elas não se sentem bem, o tipo de música não agrada, o público é predominantemente jovem e o horário de funcionamento é visto como impeditivo.¹¹ Assim, as mulheres homossexuais idosas acabam tendo como ambientes de sociabilidade a casa umas das outras, por meio de uma rede de amizades. Sugere-se que um fenômeno semelhante possa acontecer com idosos gays.

Ao mesmo tempo que é produto, o homem também é produtor do social.¹³ Assim, a medida que a representatividade e a visibilidade vão aumentando, estas alimentam no social que mais pessoas se tornem visíveis, assim representando a outras pessoas. Cada pessoa que se torna visível facilita o processo de empoderamento para quem ainda não é e dota o meio social de símbolos que contribuem para a construção do imaginário sobre um tema.

A SOLIDÃO ACOMPANHADA DO MEDO NO IMAGINÁRIO

As moralidades médicas, religiosas, educacionais e jurídicas operam de formas particulares acrescentando peso cultural a idade, assim envolvem e elaboram as significações do envelhecer.¹⁰ Estas moralidades em conjunto formam um modelo de envelhecimento bem sucedido que exclui socialmente a possibilidade de envelhecer bem e sozinho. Com base nos depoimentos coletados, percebe-se a necessidade de problematizar e debater o medo do envelhecer solitário.

“meu maior medo é morrer sozinho” incentivado a falar mais sobre a questão, comenta: “é uma pessoa sozinha né, por isso que eu falei, é meu maior medo. A gente sempre foi muito rodeado de pessoas, aí eu vou ficar velho, uma bicha velha, sozinho, sem filhos, sem sobrinhos, sem netos” #1

“Espero que até lá, o mundo todo se aceite um pouco mais. Espero ter um filho e passar meus últimos dias em um asilo, não penso em envelhecer com alguém. Acho isso algo muito difícil de acontecer” #5

“eu não tenho essas coisas assim, de ficar velho [referindo-se a dificuldades em envelhecer] o meu único medo é, eu não queria envelhecer sozinho, eu não gostaria de envelhecer sozinho, de não ter família” #6

“eu tenho [medo de envelhecer sozinho] eu penso nisso sabe, tem os meus pais, eu sou filho único, tenho medo de ter poucos parentes. A solidão é um dos maiores temores que eu tenho” #7

Santos e Lago (2013) comentam sobre o estereótipo do gay idoso solitário, ressaltando que o medo de envelhecer solitário se apresenta em discursos tanto de pessoas LGBTs quanto de pessoas não-LGBTs.¹² No entanto, o mito heteronormativo do gay idoso solitário existe e ocupa espaço no imaginário, envolvendo ideias sobre envelhecimento sem constituir família e a exclusão do homossexual idoso dos espaços de convívio. Como alimento do mito, não se considera, por exemplo, que muitos dos atuais idosos gays assumidos, em algum momento de suas histórias constituíram famílias heteroafetivas e tiveram filhos. A heterocisnormatividade, acrescida de valores religiosos cristãos, estabelece como prerrogativa de felicidade a construção da entidade familiar. É preciso considerar e debater sobre outros modos de vida possíveis. A ideia do homem gay velho solitário não considera também outras formas do viver junto, como as comunidades ou redes de amigades por exemplo e também exclui a possibilidade do envelhecimento sem um relacionamento formal ser ativo, bem sucedido e feliz.

Nota-se pela frequência de relatos que o medo da solidão está bastante presente no imaginário de homens gays jovens, o colaborador #5 menciona o desejo de ter filhos mas em seguida relata imaginar o final de sua vida de forma solitária. A solidão aparece também correlacionada com o papel social determinado a família, sendo no imaginário uma certeza de envelhecimento não solitário, o que na prática não se confirma.

O desejo de constituir família que gere descendentes pode perpassar diferentes formatos de família. Ser pai ou ser mãe, na sociedade atual, independe de união estável. Deparamo-nos assim com uma variedade de famílias: monoparentais, pluriparentais e homoparentais.³

A solidão apresentada de forma aterrorizante está encarnada na ideia do “amor romântico branco burguês” como regra ou ideal de felicidade.¹⁰Na sociedade capitalista, o corpo do idoso é fortemente lido como nem produtor (lógica de mercado) e nem como de reprodutor (lógica da perpetuação da espécie), portanto se o imaginário é dotado da relação relacionamento e sexo, ao homem idoso assexualizado recai o estigma da solidão.¹³

Em um dado momento de sua pesquisa PocaHy (2012) menciona a representação de que “aos mais velhos, só restaria pagar para desfrutar da companhia fugaz e arriscada”, representação esta fortemente questionada na pesquisa.¹⁰A falta de representatividade de idosos gays não solitários pode ser um importante marcador para o frequente relato do medo de envelhecer sozinho.

Os estudos sobre a velhice e a homossexualidade ainda são escassos e não contemplam todos os espaços, é preciso estudar o homossexual em situação de rua, encarcerado, rural, em comunidades periféricas e os idosos em instituições de longa permanência, buscando traçar estes recortes com a sensação de solidão e o isolamento social.¹²

FALTA DE REPRESENTATIVIDADE

Ficou bastante evidente que existe uma falta de visibilidade e de representatividade do homem gay idoso na sociedade atual. A pesquisa qualitativa, com foco no estudo dos fenômenos nem sempre consegue responder a um assunto, o encerrando por completo. Os efeitos claros do impacto da falta de representatividade ainda são desconhecidos, mas as percepções dos colaboradores sobre o tema indicam possíveis pontos de partida.

"acredito sim, se tu for parar para pensar, não tem. um lá que outro, escondido. Não tem um gay assim, para mostrar para todos os homossexuais que tem chance de envelhecer feliz, eu sinto falta de ter um modelo" #1

"eu acho que eu mesmo vou construir isso [referindo-se a ausência de referência de homem gay idoso] vou levar para o lado de ser saudável" #2

"sim [referindo-se a possibilidade da ausência de modelo dificultar a projeção de futuro] eu não tenho contato com ninguém gay e velho, não faço nem ideia de como pode ser a velhice" #3

"no ambiente que eu trabalho eu vejo o meu passado, as crianças que estão se assumindo, tu vê que elas são gays. Eu sou modelo para elas [...] mas eu não tenho modelo de futuro" #3

"acho que a gente tem uma crise de representatividade, a gente tem muitos gays que estão na mídia, que são referências para todo mundo, mas que são jovens. Gays em idade mais avançada, carece dessa representatividade. Eu acho que essa crise de representatividade já interfere na minha vida. A gente vive numa sociedade tão heteronormativa, a gente acaba tendo que criar os nossos próprios modelos, como a gente não tem as referências, não temos um caminho muito claro" O colaborador #4 acrescentou ainda que a representatividade por meio da visibilidade pode ser importante também para a pessoa heterossexual, no sentido de sensibiliza-la: "acho que a referência também é importante para os não-gays, para se tornarem mais próximos" No final da entrevista, visivelmente impactado com as questões levantadas

o colaborador #4 ainda acrescenta: " *eu nunca tinha pensado nisso, nossa! Mas influencia muito, muito, muito [pausa breve] a falta de representatividade, de família. Mesmo o LGBT, quando fala de família, fala em no máximo ter filhos e não em ter netos. Acho que é o máximo de representatividade que temos, casais com filhos.*" #4

"*Sim, eu pego essa referência, pelo o que minha mãe diz, sabe? Esse pensamento vem muito dela. Acredito que se houvesse mais gays idosos em evidência, eu teria um conceito menos solitário referente a minha própria velhice.*" #5

"*sim, totalmente [questionado sobre a relação dificuldade de se imaginar idoso e falta de representatividade] tanto é que quando tu me questionou do modelo, um gay da terceira idade, logo busquei na mídia, né. E, além de eu conseguir buscar poucos de cabeça, que me veio na cabeça na hora, foi o ator aquele [menciona o ator], nenhum deles assim, eu tenho como um modelo, acho que eles são todos muito reservados, não conheço como pessoa, só o trabalho deles"* #6

"*ai, eu to com uma visão mais otimista. É, realmente, a gente não tem referência de famílias com idosos gays, mas hoje, como a nossa geração já está representando mais, acho que isso vai aumentar"* #7

As narrativas dos colaboradores sugerem existir um impacto social do que pode ser chamado de crise de representatividade, interferindo nas visões de futuro e na composição do simbólico.

A invisibilidade de alguns segmentos da população contribui para que a sexualidade nestas populações seja lida como inexistente.²A ideia de normalidade, de pertencimento, é sedutora, na perspectiva de poder confere ao indivíduo a promessa de aceitação, saúde, felicidade, longevidade e beleza. A norma é estabelecida e a tendência é das pessoas elitizarem perfis "mais na norma" e os estabelecerem como

ideais de vida. A sociedade atual se estabelece também pela competitividade e volatividade, sendo facilmente modulável.¹³ Quanto mais diversa a pluralidade de expressão do que é ser humano, maior a capacidade de identificação com diferentes possibilidades de normas, assim ofertando um leque maior de encontro entre iguais estabelecendo assim a sensação de pertencimento.

É importante ressaltar que, uma parcela importante, dos poucos idosos gays visíveis, seja na mídia ou fora dela, reproduzem discursos LGBTfóbicos, com maior frequência discursos transfóbicos ou machistas. Santos e Lago (2013), entrevistando homens gays mais velhos, encontrou discursos de desaprovação a atual juventude, em especial no que diz respeito as expressões de gênero.¹² Os homens entrevistados inseriram em seus discursos falas com relação a não ser necessário ser gay e afeminado, aversão a feminilizações de homens e travestis e viam com maus olhos a juventude que não é discreta. Reiterando lógicas rígidas e normativas absorvidas em diferentes tempos, contextos e ambientes. Neste mesmo estudo, um dos colaboradores narrou pensar ser ridículo ele frequentar ambientes destinados a homossexuais mais jovens. A representatividade é importante em quantidade, mas também nas qualidades em que se faz visível.

A velhice sexual, permanece ainda distante da possibilidade da ideia de experimentação, ou seja, existem poucos discursos sobre a possibilidade da experimentação e da identificação com a homossexualidade ocorrer no indivíduo já envelhecido.¹⁰ A crise de falta de representatividade pode atuar negativamente não só na juventude, mas também nas restrições para a experimentação em indivíduos idosos.

Devemos pensar na pessoa idosa no momento do agora, remete-la somente ao passado é fazer um sequestro do momento presente.¹⁰ Possibilita-se assim,

debater não só a construção social da invisibilidade, no sentido do seu passado, mas também problematizar a sua permanência, no sentido do seu presente. Quais são os ajustes dos discursos sociais necessários para o empoderamento dos homens gays idosos?

A história de vida de um indivíduo é um material precioso, demonstrando as relações entre o indivíduo e o contexto histórico-social, o ato de contar a própria história é vista como uma forma de dar sentido a trajetória pessoal e como uma oportunidade de colocar-se como um sujeito da própria história.¹¹Torna-te visível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos depoimentos coletados por meio das entrevistas é possível problematizar a baixa representatividade do homem idoso homossexual e seus possíveis impactos no imaginário de gays jovens com relação ao processo de envelhecimento e velhice. Os colaboradores deste estudo não possuem nos seus vínculos de convivência homens idosos homossexuais e demonstram uma baixa representatividade dos mesmos na mídia. São vários os possíveis motivos para a baixa representatividade, dentre eles, destacando-se a não identificação do indivíduo com a orientação sexual homossexual, o impacto dos confrontos familiares e sociais agravados pela heteronormatividade, o medo da marginalização e o duplo-estigma.

O medo de envelhecer solitário fez-se recorrente nas falas dos homens gays jovens, reflexo do estereótipo do gay idoso solitário. A falta de representatividade de idosos gays envelhecendo de forma ativa e bem-sucedida parece alimentar o estereótipo e discursar favorável ao envelhecimento como depreciativo e fator de isolamento social. A percepção dos colaboradores do estudo com relação a falta de

representatividade colabora para a percepção que existam impactos negativos no imaginário de jovens com relação a capacidade de projetar-se no futuro.

Este estudo impossibilita atestar os reais impactos da falta de representatividade, mas problematiza a questão e corrobora ao conceito de que o imaginário é composto de símbolos captados dos signos que se fazem visíveis, portanto, a baixa representatividade empobrece o imaginário podendo trazer consequências ao indivíduo, em especial, na sua capacidade de compreender-se com um ser dotado de futuro. Sugere-se, a partir do estudo deste fenômeno, que surjam outras pesquisas, com outros recortes, visando contribuir para a transformação dos discursos sociais.

Os autores declaram não existir conflitos de interesse de qualquer natureza na realização e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- 1- ULBRA. Teoria dos Movimentos Sociais. 1th. Ed. Afiliada; 2008.
- 2- Sousa, MJA, Moleiro, CMM. Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social. *Sexualidad, Salud y Sociedad* 2015 (20), 72-90.
- 3- Rosa, Jm; Melo, Ak; Boris, Gdjb; Santos, Ma. A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: ciência e profissão*. 2016 v. 36, n.1, p.210-223
- 4- Bastos, Gg; Garcia, Da; Sousa, LMA. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. *Ling. (dis)curso* 2017. v. 17, n. 1, p. 11-24.
- 5- VÍCTORA CG, Knauth DR, Hassen MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000.
- 6- Lüdke M, André ME. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; 1986.
- 7- Negrine A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina; 1999.
- 8- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2 ed ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.
- 9- Alves, Zmmb; Silva, Mhgf. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia* 1992, n. 2, p. 61-69.
- 10- Pocahy, Fernando. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas. *Ex aequo* 2012 n. 26, p. 43-56
- 11- Alves, AM. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horiz. antropol.* 2010 v. 16, n. 34, p. 213-233
- 12- Santos, DK; Lago, MCS. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sex., Salud Soc.* 2013 n. 15, p. 113-147
- 13- Antunes, PPS; Mercadante, EF. Travestis, envelhecimento e velhice. *Kairós.* 2012 v.14 p. 109-132

ANEXO A – APROVAÇÃO COMISSÃO CIENTÍFICA IGG

SIPESQ
Sistema de Pesquisas da PUCRS



Código SIPESQ: 6378

Porto Alegre, 27 de maio de 2015.

Prezado(a) Pesquisador(a),

A Comissão Científica do **INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA** da PUCRS apreciou e aprovou o Projeto de Pesquisa "A relação sexualidade e envelhecimento em indivíduos homossexuais" coordenado por **NEWTON LUIZ TERRA**. Caso este projeto necessite apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e/ou da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA), toda a documentação anexa deve ser idêntica à documentação enviada ao CEP/CEUA, juntamente com o Documento Unificado gerado pelo SIPESQ.

Atenciosamente,

Comissão Científica do **INSTITUTO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA**

ANEXO B - APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A relação sexualidade e envelhecimento em indivíduos homossexuais

Pesquisador: Newton Luiz Terra

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56572216.9.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.978.345

Apresentação do Projeto:

Estudo qualitativo do tipo descritivo observacional que visa conhecer a relação sexualidade e envelhecimento de indivíduos autoreferidos como homossexuais por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer a relação sexualidade e envelhecimento de indivíduos autoreferidos como homossexuais.

Objetivo Secundário:

- * Descrever o perfil dos participantes do estudo;
- * Conhecer a percepção do processo de envelhecimento dos homossexuais;
- * Conhecer a percepção do envelhecer homossexual no contexto social;
- * Conhecer a relação "idade e perspectiva de envelhecimento";
- * Conhecer a idealização de "Terceira Idade Gay" por homossexuais de diferentes faixas etárias;
- * Conhecer a autopercepção de corpo, envelhecimento e sexualidade de idosos homossexuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos se baseiam na mobilização de algum conteúdo emocional durante a realização das

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puhrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.978.345

entrevistas.

Benefícios:

Os indivíduos estarão colaborando com uma pesquisa inovadora que visa fazer um retrato do envelhecimento de pessoas homossexuais e discutindo temas que cerceiam estas questões.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A análise dos dados permitira o debate das questões que envolvem o envelhecimento da população LGBT.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas nas Resoluções nº 466 de 2012, nº 510 de 2016 e da Norma Operacional nº 001 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_701556.pdf	31/01/2017 11:59:37		Aceito
Outros	carata_resposta_CEP.pdf	31/01/2017 11:58:34	Cristiano da Costa Flores	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	26/09/2016 13:40:37	Cristiano da Costa Flores	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Documento_Unificado_do_Projeto_de_Pesquisa_1432757013428.pdf	24/05/2016 15:14:05	Cristiano da Costa Flores	Aceito
Outros	Carta_de_Aprovacao_da_Comissao_Cientifica_1432757013428.pdf	24/05/2016 15:10:31	Cristiano da Costa Flores	Aceito
Orçamento	1432756622731orcamento_6378.pdf	24/05/2016 15:08:22	Cristiano da Costa Flores	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	1427900323807Projeto_tese_tcle.pdf	24/05/2016 15:08:05	Cristiano da Costa Flores	Aceito
Outros	lattes.docx	24/05/2016	Cristiano da Costa	Aceito

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.978.345

Outros	lattes.docx	14:56:17	Flores	Aceito
Outros	carta_local.pdf	24/05/2016 14:45:32	Cristiano da Costa Flores	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	24/05/2016 14:43:43	Cristiano da Costa Flores	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 22 de Março de 2017

Assinado por:
Denise Cantarelli Machado
(Coordenador)

ANEXO C - COMPROVANTE DE SUBMISSÃO

10/04/2019

ScholarOne Manuscripts



Ciência & Saúde Coletiva

[# Home](#)[# Author](#)

Submission Confirmation

[Print](#)

Thank you for your submission

Submitted to

Ciência & Saúde Coletiva

Manuscript ID

CSC-2019-1039

Title

PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A BAIXA REPRESENTATIVIDADE DO HOMEM GAY IDOSO

Authors

Flores, Cristiano

Date Submitted

10-Apr-2019

ANEXO D - QUALIS E ARTIGO PUBLICADO

Periódicos			
ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
2176-901X	CADERNO TEMÁTICO KAIRÓS - DIVERSIDADE: SUBJETIVIDADE, CULTURA E PODER	INTERDISCIPLINAR	B3
1647-659X	KAIROS. REVISTA DE FILOSOFIA & CIÊNCIA	INTERDISCIPLINAR	B2
1516-2567	REVISTA KAIRÓS	INTERDISCIPLINAR	B3
2176-901X	<u>REVISTA KAIRÓS GERONTOLOGIA</u>	INTERDISCIPLINAR	<u>B3</u>
2176-901X	REVISTA KAIRÓS (ONLINE)	INTERDISCIPLINAR	B3

Conhecendo o imaginário de jovens gays com relação à velhice

*Knowing the imaginary of young gays in relation to
old age*

*Conociendo el imaginario de jóvenes gays con
relación a la vejez*

Cristiano da Costa Flôres
Newton Luiz Terra

RESUMO: Este artigo objetiva explicitar que o imaginário do jovem homossexual com relação ao envelhecimento é o retrato de um tempo, ao avaliar-se a representatividade do homem *gay* idoso na sociedade. Trata-se de um estudo de paradigma qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, realizado por meio de seis entrevistas semi-estruturadas com indivíduos que se identificam como homens homossexuais. Como considerações finais, pode-se afirmar que a dificuldade dos homens *gays* jovens em se imaginarem velhos está fortemente relacionada com a baixa representatividade do homem *gay* idoso.

Palavras-chave: Envelhecimento; Homossexualidade; Representatividade.

ABSTRACT: *The homosexual young imaginary regarding aging is a portrait of a time and assessing a representativeness of the elderly gay man in society. Qualitative paradigm study of the descriptive-interpretative type, performed through six semi-structured interviews with information that identifies as homosexual men. The difficulty of young gay men in imagining themselves old is strongly related to the low representativeness.*

Keywords: *Aging; Homosexuality; Representativeness.*



RESUMEN: *El imaginario del joven homosexual con respecto al envejecimiento es el retrato de un tiempo, al evaluar la representatividad del hombre gay anciano en la sociedad. Como método, el estudio de paradigma cualitativo del tipo descriptivo-interpretativo, realizado por medio de seis entrevistas semiestructuradas con individuos que se identifican como hombres homosexuales. Como consideraciones finales, se puede afirmar que la dificultad de los hombres gays jóvenes en imaginarse viejos está fuertemente relacionada con la baja representatividad.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Homosexualidad; Representatividad.*

Introdução

Conhecer o imaginário da juventude homossexual com relação ao envelhecimento é possibilitar que se faça o retrato de um tempo e de um contexto, avaliando-se a representatividade do homem *gay* idoso e se estabelecendo como se dá sua visibilidade.

Os papéis atribuídos a cada gênero e a cada orientação sexual são oriundos das questões culturais, econômicas, políticas e sociais, não meramente de questões biológicas ou sexuais. Portanto, definir o sujeito a partir dos seus papéis sociais a partir do sexo é limitante (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). O gênero estabelece significado aos corpos, é variável e diverso culturalmente (Antunes, & Mercadante, 2011). No entanto, os papéis destinados a cada gênero e sexualidade desenharam uma norma social a ser seguida, recaindo sobre aqueles que não aderem a ela o peso da transgressão.

É necessário conhecer o espaço simbólico da projeção de futuro do homem *gay* para conhecer a sua sensação de pertencimento, e os possíveis impactos da ausência de modelos como referências de possibilidade de construção de futuro, fazendo-se o recorte entre a orientação sexual, a representatividade e a subjetividade.

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a percepção de indivíduos homens homossexuais sobre envelhecimento e representatividade, suscitando discussões e redefinições.

Método

O ponto de partida da presente pesquisa é a pergunta: De que forma a ausência de referência de homem homossexual idoso interfere no imaginário do homem jovem homossexual com relação ao processo de envelhecimento?

Este é um estudo qualitativo do tipo descritivo-interpretativo, considerando-se que a pesquisa qualitativa permite identificar fenômenos e entendê-los (Víctora, Knauth, & Hassen, 2000).

Os participantes do estudo são pessoas que se identificam como homens homossexuais, de idade igual ou maior que dezoito anos, participantes de um coletivo LGBT do município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

Foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, de forma individual, em ambiente privativo e silencioso. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A coleta de dados foi finalizada, utilizando-se o critério de saturação. A entrevista semi-estruturada permite a participação ativa do pesquisador, estabelecendo vínculo de profundidade nas perguntas e permite que o entrevistado fique à vontade para fazer as suas considerações sobre os temas abordados (Lüdke, & André, 1986; Negrine, 1999).

As entrevistas foram realizadas mediante agendamento prévio, e o convite para a participação foi realizado por meio de um aplicativo de celular para os indivíduos cadastrados como participantes do referido coletivo. A pesquisa foi realizada após o projeto respectivo ser aprovado pela Comissão Científica do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica e pelo Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A gravação foi iniciada somente após a explicação dos objetivos da pesquisa, a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato dos colaboradores foi garantido, assim como os demais preceitos éticos vigentes em pesquisa.

A análise dos dados obtidos foi realizada por meio de categorização, agrupando-se dados conforme a homogeneidade de assuntos. As categorias não foram pré-estabelecidas; elas emergiram da coleta e análise dos dados (Negrine, 1999). Para cada categoria, foram utilizadas a fala do sujeito seguida do uso da literatura (Flick, 2004).

Perfil dos Participantes

Os colaboradores do estudo são pessoas que se identificam como homens e homossexuais, participantes de um coletivo LGBT de Porto Alegre e região metropolitana, no estado do Rio Grande do Sul. As idades variam entre os 18 e 32 anos, ficando na média de 24 anos. As escolaridades variaram entre o ensino fundamental incompleto e o ensino superior completo, sendo a maior parte expressa como superior incompleto. Os colaboradores do estudo também puderam assumir características da sua regionalidade.

Análise e Discussão dos Dados

Imaginando o futuro

A categoria que se formou a partir da pergunta “Como você se imagina idoso?”, fez emergir, nos dados de oralidade, os signos do imaginário sobre o envelhecer homem e homossexual. Seguem os relatos:

“Eu acho bem complicado, porque eu não consigo me imaginar, eu não me imagino velho, eu espero que isso nunca aconteça.”

(Colaborador #1)

Indagado, de imediato, sobre a possibilidade de ser uma etapa da vida a ser vivida, esse colaborador #1 acrescentou:

“Sei lá, eu acho que vou ser aqueles velhos que se arrumam, não aquele velho, velhinho, fofinho. Eu me imagino um velho bonito.”

(Colaborador #1)

“A gente acaba não querendo pensar nisso, é uma questão bem difícil pra mim... idealizar isso” [referindo-se à velhice] “Ai!, essa é uma questão que eu ouço bastante, por que eu não planejo adotar ou ter filhos. Eu me vejo cercado por uma rede de amigos, da mesma faixa etária e com as mesmas necessidades, que uns apoiem os outros.”

(Colaborador #2)

"A minha velhice? [pausa de 3 segundos], em questão de família, eu vou ser sozinho, por ser filho único, eu não sei até onde meus pais vão. Não sei se me imagino casado, até porque, hoje em dia, não é essa a minha ambição. A coisa de ter filho é bem presente, mas acho que casado não" [e acrescenta ainda]: "Eu não vejo problema nenhum em envelhecer, acho natural, se acontecer, eu tenho a sensação que vou ficar mais velho, mas não sei o quanto." (Colaborador #3)

"Fisicamente, eu acho que vou sentir um incômodo incrivelmente alto por não ter essa aparência que eu tenho hoje [...], eu buscaria muitas medidas para amenizar isso ao máximo" (Colaborador #4)

"Eu não consigo me imaginar com 70 anos, no máximo com uns 40 ou 50. Essa etapa, eu não vou achar ruim, eu tenho muitos colegas de trabalho nessa idade. Eu não sei porque as pessoas têm esse medo de envelhecer; nossa!, os meus colegas de trabalho tem aí na faixa de 50 anos estão vivendo a vida que eu queria estar vivendo; eles só viajam, têm tempo, eles já criaram os filhos, têm dinheiro para viajar. [...] Eu acho que deve ser uma fase muito gostosa da vida, agora os 70 anos, eu já não sei, geração um pouco mais triste, né?, devido às limitações físicas." (Colaborador #6)

"Visualmente, é? Totalmente careca! mas como estilo de vida, assim, acho que ainda trabalhando, ainda fazendo coisas que eu faço hoje, com família, muitas pessoas ao redor." (Colaborador #7)

Observa-se que uma parcela dos colaboradores teve dificuldade em elaborar um conceito de como eles se imaginam idosos e em fazer uma narrativa dessa representação. Todas as variações de velhice e de gênero são válidas; no entanto, a dificuldade em se imaginar idoso pode estar permeada pelo fenômeno da falta de representatividade (Alves, & Silva, 1992).

Para um segmento populacional que é colocado à margem da normalidade, a ausência de modelos firmemente estabelecidos, em termos de vínculo pessoal ou de mídia, isso pode interferir na esfera do imaginário. O ser humano só se torna viável por meio de categorias socialmente reconhecidas (Antunes, & Mercadante, 2011).

Nenhum dos colaboradores relatou se imaginar envelhecendo com netos. Os colaboradores #3 e #5 (com depoimentos transcritos na próxima categoria) mencionam o desejo de ter filhos; e o colaborador #7 menciona envelhecer com família. Observa-se que a história das famílias vem se modificando com o passar do tempo; a família se adaptando às mudanças sociais, o que faz surgir uma crescente pluralidade de conceitos de família (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). No entanto, observa-se com mais frequência a presença de famílias homoafetivas com filhos, e uma expressão muito menor de famílias homoafetivas com netos. Esta baixa representatividade pode contribuir para que homens *gays* se imaginem exercendo no máximo os papéis de pais, não surgindo no imaginário dos entrevistados, na presente pesquisa, o exercício do papel de avô.

A juventude é bastante valorizada na atualidade, sendo correlacionada com a beleza, força, criatividade, produtividade e consumo (Antunes, & Mercadante).

Os colaboradores #1 e #4 trouxeram, em suas falas, aversão ao envelhecimento, com base no apagamento da juventude pela estética. As marcas do corpo configuram as marcas mais evidentes da experiência do envelhecimento, e essas mudanças interferem nas relações sociais. No contexto em que a juventude é um bem que legitima a experiência da homossexualidade, a velhice é comumente heterossexualizada. Alguns homossexuais idosos relatam certa melancolia, ao analisarem seus corpos modificados pelo tempo. Alguns se imaginam com o “corpo ideal” da juventude, no atual contexto social, em que o exercício das diferentes sexualidades encontra um espaço maior para a sua expressão (Santos, & Lago, 2013).

O colaborador #7 menciona o desejo de continuar fazendo coisas que faz hoje; enquanto o colaborador #1 expressa o desejo de envelhecer bonito. O colaborador #6, por sua vez, menciona o desejo de viajar bastante, mas questiona a possibilidade de fazê-lo em torno dos 70 anos de idade.

O sentimento de que uma “parte de nós” se conserva jovem vem do condicionamento social dos signos do que é ser jovem e da dificuldade em confrontar a materialidade do corpo e suas modificações (Santos, & Lago, 2013). Este sentimento produz no jovem o desejo de manter uma parcela de si jovem e, no idoso, o reconhecimento de que uma parte de si não envelheceu. A velhice, como campo performativo, cria espaços para releituras de si mesma.

Os modelos de velhice que aos poucos estão sendo mais valorizados são representados por pessoas idosas que aceitam desafios, projetam para o futuro, viajam muito, o mais próximo possível do imaginário do que é ser jovem (Antunes, & Mercadante, 2011).

O que é ser velho no imaginário do *gay* jovem?

Algumas relações sobre o que é ser velho chamaram a atenção do pesquisador e seguem como um convite à reflexão sobre os estereótipos do envelhecimento e suas ligações com o capacitismo¹:

"Eu namorei um cara que tinha 41, quando eu tinha 16. Pra mim, com 16, ele era velho, mais de 20 anos de diferença, ele era mais maduro e estava cansado." (Colaborador #1)

"Algumas coisas, eu já visualizo, entre amigos; a gente já diz que está velho, quando não quer ir mais para a balada, quando está ficando gripado ou com frio, essas coisas..." (Colaborador #2)

"Acho que tu ficar velho é amadurecer, eu nem ligo pra parte física, eu sinto que de alguma forma eu já estou envelhecendo, não faço festa como antigamente." (Colaborador #3)

"Eu acho que a maior parte da nossa geração não tem a mínima noção desse futuro." (Colaborador #4)

"Essa parte de envelhecer é triste, porque essa coisa de tu viver as coisas pela primeira vez é muito mais legal." (Colaborador #6)

"Idoso... me vem família... a pessoa que vai unir a família, a pessoa que vai chamar para encontros, filhos, netos e bisnetos. Eu tenho isso na minha vida sempre, né?, com relação à minha vó, meu vô." (Colaborador #7)

¹ Capacitismo - termo técnico significando o preconceito social contra pessoas com qualquer tipo de deficiência, com consequente discriminação ao serem vistas como menos humanas, menos aptas ou não capazes para gerir a própria vida, sem autonomia, desamparadas, assexuadas, condenadas a uma vida eternamente em dependência.

O colaborador do presente estudo com mais idade tem 32 anos, o que denota a compreensão dos colaboradores sobre o envelhecimento como um processo, e não como um resultado. As visões estão intimamente conectadas com as capacidades funcionais, legitimando que envelhecer é ter prejuízos no que é socialmente lido como próprio da juventude como, por exemplo, experimentar coisas pela primeira vez (Colaborador #6) ou participar de festas (Colaboradores #2 e #3).

Vale aqui ressaltar que os ambientes de socialização, como as festas, têm grande importância para as minorias, pois são ambientes que, ao reunir os iguais, se tornam permissivos à expressão de gênero e sexualidade com maior liberdade e segurança.

O culto à juventude é um dos traços mais constantes da cultura *gay*, menos observado na cultura lésbica, legitimando valores de corpo belo, bom e a ser zelado. As revistas e outras mídias *gays*, ao discursar sobre os corpos, mostram somente jovens belos como homossexuais. Parece existir aí um modelo de homonormatividade (Pocahy, 2012).

Comunidade Gay

Os colaboradores do estudo foram questionados acerca de suas percepções sobre o quanto a comunidade *gay* é aberta ou receptiva, com relação à inserção de homens idosos homossexuais:

"Eu acho que tem preconceito, sim; eu acho que é tudo muito baseado nas bichinhas novinhas, as guriazinha, e eu acho que tem que ter espaço para todo mundo." (Colaborador #1)

"Em teoria, a comunidade LGBT é a mais aberta que existe, mas na prática, se já tem preconceito entre os LGBTs mais jovens, imagina com os idosos." (Colaborador #4)

"A comunidade deveria acolher a todos." (Colaborador #5)

"Difícil, meio desapontador [ser gay]; esperamos que os pais nos acolham, que o meio nos acolha, mas muitas vezes somos discriminados dentro de casa, e dentro da comunidade LGBT."

Existem muitos LGBT que acham que são superiores aos outros, ou porque são heteronormativos, ou porque são afeminados."

(Colaborador #5)

As falas dos colaboradores mencionam existir recortes dentro da comunidade LGBT e mesmo dentro da comunidade G. A heteronormatividade, que é baseada no ideal de beleza e juventude, parece ainda moldar comportamentos dentro das comunidades de diversidades, sendo que quem está mais próximo da regra é mais bem aceito. Vale, e muito, aqui mencionar que os movimentos de resistência ao longo da história foram encabeçados muito mais por aqueles à margem da norma do que por aqueles no centro da norma.

A futura terceira idade *gay*

Tomando como base que a atual juventude é a parcela mais expressiva da população assumidamente homossexual, é possível pensar que esta será, no futuro, a Terceira Idade *Gay*, de forma expressiva e visível. Indagados sobre esta possibilidade, os colaboradores narram suas impressões sobre esta construção social:

"Vai ser engraçado...hahaha... sei lá, eu não consigo imaginar entendeu? Eu olhó, muitos gays e não consigo olhar e ver que esse aí vai envelhecer, é impossível." (Colaborador #1)

"Eu acho que hoje é mais tranquilo em comparação quando me assumi, mas ainda é um tabu para a sociedade. Mas acho que as pessoas estão levando mais de boa, vai ser de boa." (Colaborador #2)

"Não sei se vai ter asilo gay e asilo hétero, mas a gente vai tocar o terror, hahaha..., a gente já faz isso hoje, embora a visibilidade e o respeito não seja amplo ainda; eu acho que na terceira idade a minha geração vai dar trabalho, ocupar o espaço." (Colaborador #3)

"Vai ter muita bicha velha por aí, hahaha...; eu acho que, quando a nossa geração for a geração mais velha, a gente vai construir, por meio da representatividade, um ativismo maior por parte dos jovens; eles vão ter a quem seguir." (Colaborador #4)

“Não sei, eu acho assim, como um leigo, eu acho que vai se aproximar cada vez mais da construção heterossexual, essa coisa da família, por exemplo, mas eu vejo gente, amigos gays buscando, cada vez mais a gente está adotando, concebendo de outras formas, acho que isso vai ser muito diferente com relação à terceira idade gay hoje.” (Colaborador #6)

“Acho que vai ser bem natural, hoje conforme vai surgindo cada vez mais casais gays adotando crianças, acho que vai ser totalmente natural até a terceira idade.” (Colaborador #7)

O corpo do velho, como monstruosidade ou abjeção, é contestado no instante em que os enunciados que os desqualificam mudam de lugar, produzindo para si outras possibilidades de representação (Pocahy, 2012). Este apontamento corrobora a ideia de que a atual juventude homossexual, por ser bastante numerosa em relação aos atuais idosos homossexuais, será responsável pelas modificações de discursos com relação à velhice à medida que for envelhecendo. A velhice está sendo reinventada, sendo capturada por novas exigências comerciais, maior acesso à tecnologia e aumento da expectativa de vida (Antunes, & Mercadante, 2011).

Os colaboradores #3 e #4 comentaram fatores conectados com o ativismo LGBT, como propulsores de modificações no futuro dos atuais jovens *gays*. Os movimentos de ativismo pela pauta LGBT vêm se ampliando e ocupando cada vez mais espaços, o que faz com que o preconceito venha diminuindo, mesmo que lentamente, ao longo dos anos (Antunes, & Mercadante, 2011).

Mesmo que as instituições atuem de forma heterossexualizadora, se organizando por meio de regras, e se utilizando dos poderes institucionais, ao longo da história pessoas homossexuais sempre encontraram brechas para o exercício de suas sexualidades. Cada exercício de saída da norma constitui a micropolítica e esta legitima a resistência das minorias, dando passagem aos afetos e desejos. Assim sendo, a heterocisnormatividade, mesmo que institucionalizada, não foi capaz, em nenhum momento da história, de restringir por completo o desejo, mesmo que encontrando pouco espaço em territórios rígidos (Santos, & Lago, 2013). Com base na crescente abertura da sociedade para a diversidade, o papel da micropolítica e a resistência da comunidade LGBT, a perspectiva é a de que a representatividade e a visibilidade de pessoas LGBTs, em faixas etárias além da juventude, aumentem.

Setores conservadores, atuantes e barulhentos, sempre existiram; o que é historicamente recente é a comunidade organizada e militante por direitos.

Já os colaboradores #6 e #7 mencionam o crescente número de famílias homoafetivas, como motivação para a transformação social. As novas composições de família são reflexos das transformações sociais e implicam na sociedade, ou seja, são frutos da sociedade em transformação e transformam a sociedade (Rosa, Melo, Bori, & Santos, 2016).

O desejo de adotar filhos tem inúmeros motivos: 63% dos brasileiros que praticam a adoção tem como motivação a ausência de filhos biológicos. Trata-se, portanto, do desejo de constituir família com filhos. A adoção é um processo que geralmente beneficia tanto a criança quanto os pais adotantes, não se tratando de uma relação apenas no plano afetivo, mas também no plano jurídico (Rosa, Melo, Boris, & Santos, 2016). Diante da dependência do plano jurídico, justifica-se a crescente representatividade e visibilidade de casais homoafetivos com filhos adotivos; decisões judiciais favoráveis são recentes na justiça brasileira.

Vale aqui lembrar que os sujeitos possuem a capacidade da reinvenção criativa de si, possibilitando a produção de novos cenários, fazendo da vida uma obra de arte; portanto, é plenamente possível que surja um novo formato de envelhecer *gay* (Santos, & Lago, 1992).

Imagine-se idoso

Os colaboradores do estudo foram convidados para se imaginarem envelhecendo, após boa parte da entrevista já ter ocorrido, projetando-se para o futuro, a partir das colocações feitas pelos questionamentos anteriores e sensações evocadas pela entrevista semi-estruturada. Os colaboradores fizeram os seguintes relatos:

"Eu me sinto triste se eu me imaginar velho, porque eu me rasgo na academia, para andar bonito e eu olho e serei meu pai futuramente."
(Colaborador #1)

"Eu me imagino envelhecendo feliz, tendo um espírito jovem, com alegria." (Colaborador #2)

"Eu tenho bastante dificuldade em projetar... eu me vejo como um adolescente ainda, não como um adulto. Hoje se eu tiver um problema de saúde, tenho o respaldo da família e de amigos, mas eu não sei projetar, lá na frente como vai ser minha família e meu respaldo de amigos." (Colaborador #3)

"Isso [de pensar no envelhecimento] mudou bastante, eu agora chegando nos 25, eu, pela primeira vez, tenho pensado um pouco mais, com mais cuidado, sobre essa coisa de envelhecimento. [...]; eu consigo me imaginar até os 35, como eu quero traçar a minha vida, 35 até 37, mais que 40 já não consigo me imaginar." (Colaborador #4)

O pesquisador acrescenta à entrevista o dado referente à classificação de idoso no Brasil como uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, obtendo-se a seguinte resposta do colaborador:

"Nossa, mais de sessenta anos? [pausa] Eu imagino minha vida crescendo até certa idade, depois mantendo uma certa linearidade [...], me vejo podendo usufruir das coisas que eu construí antes disso."

Em outro momento, o colaborador #4 retoma esta questão:

"Eu entendo essa dificuldade de se imaginar no futuro, em pensar em uma época que está tão distante da nossa vida, a gente vai pensar e vai recorrer a quê? A gente não tem fatos, a gente vai recorrer aos modelos, mas quais modelos a gente tem? Os nossos avós, nossos pais, nossos bisavós, que não têm nada a ver com o nosso contexto. Aí, a gente tem que apagar aquilo lá tudo, e não tem modelos, porque não se encaixa em nenhum deles. Estamos caminhando no escuro." (Colaborador #4)

"Ah, de repente daqui uns 20 anos...aos 40 e poucos anos, tu está num relacionamento super-bacana, e que vai ser um relacionamento tão interessante que vai partir a ideia de adoção, e vai ser uma família com filho, a gente envelhecendo, e as crianças ficando adultas." (Colaborador #7)

O colaborador #4 menciona o impacto da falta de representatividade do idoso *gay*, na sua capacidade de imaginar-se envelhecendo. Mesmo após a realização de perguntas sobre envelhecimento, aquecendo o debate sobre a questão, segue frequente a dificuldade de o imaginário dos colaboradores alcançar vislumbres acima dos sessenta anos de idade, corroborando, assim, a hipótese levantada pelo presente trabalho sobre a baixa representatividade da velhice junto aos *gays* jovens.

O envelhecimento coloca-se como um processo inevitável, porém existem formas de efetuar desvios de percepção para os seus sinais corporais. Revela-se, assim, não apenas como um processo orgânico, mas também cultural.

Com base neste recorte, evidencia-se, a possibilidade de uma cultura de evitação do “pensar a velhice”. A representatividade do indivíduo idoso homossexual visível surge como uma figura que estimula o pensar dentro desta cultura (Casteleira, 2014).

Faz-se necessário, ao conhecer estas temáticas, e com relação à evidente relevância do tema, legitimar a “gerontologia LGBT”, com base nas especificidades deste seguimento populacional; estudando-se, assim, políticas específicas para o idoso LGBT e estruturando a parcela jovem do segmento longo a planejar seu envelhecimento ativo e saudável (Henning, 2016).

Considerações Finais

A dificuldade dos homens *gays* jovens em se imaginarem velhos está relacionada com a baixa representatividade, tendo os depoimentos coletados sinalizado que a ausência de um modelo socialmente visível gere este impacto no imaginário e nos seus símbolos. A ausência de netos, e a presença de filhos, no imaginário está relacionada ao aumento recente das famílias homoafetivas, sendo as famílias com filhos mais visíveis e numerosas na atualidade do que as famílias homoafetivas com netos, justificando-se, assim, a composição desses símbolos no imaginário.

Habita o imaginário que a atual geração de homens *gays* jovens, ao envelhecer, fará uma construção mais representativa e empoderada da velhice homossexual. A baixa visibilidade parece ofertar aos homens *gays* jovens vínculos de faixas etárias muito próximas, possibilitando, desse modo, poucas interações intergeracionais, seja para amizade ou relacionamento afetivo-sexual.

O que é ser idoso no imaginário está conectado às capacidades funcionais e ao desejo da manutenção de signos ligados ao que é entendido como ser jovem. Frequentemente, o imaginário dos colaboradores não alcançou visualizações acima dos sessenta anos de idade, atribuindo valores do “ser velho” a faixas etárias anteriores a estas.

A partir deste estudo, sugerem-se novas pesquisas, utilizando-se outros recortes, como classe, raça, gênero, dentre outros, para conhecer e problematizar os impactos da baixa representatividade para as minorias sociais.

Referências

- Alves, Z. M. M. B., Silva, M. H. G. F. D. da. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. Ribeirão Preto, SP: *Paideia*, 2, 61-69. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007>.
- Antunes, P. P. S., & Mercadante, E. F. (2011). Travestis, envelhecimento e velhice. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós – Gerontologia*, 14(5), 109-132. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902/7356>.
- Casteleira, R. P. (2014). O envelhecimento de trans-jovens: falas, imagens e corpos. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, 1, 1-6. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, de 27 a 29 de maio de 2014. GT5-Gênero, Corpo e Sexualidades. Ramírez-Galvéz, M., & Branco, C. (Coords.). Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT5_Rodrigo%20Casteleira.pdf.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2ª ed.). Porto Alegre, RS: Editora Bookman.
- Henning, C. E. (2016). Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the “LGBT elders”. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, 13(1), 132-154. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p132>.
- Lüdke, M., & André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária.
- Negrine, A. (1999). Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre, RS: Editora Universidade/Sulina.
- Pocahy, F. (2012). A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas. Lisboa, Portugal: *Ex aequo*, 26, 43-56. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200005.

Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A. dos. (2016). A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210-223. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001132014>.

Santos, D. K., & Lago, M. C. S. (2013). Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 15, 113-147. Recuperado em 01 fevereiro, 2017, de: <http://www.redalyc.org/pdf/2933/293328993006.pdf>.

Víctora, C. G., Knauth, D. R., & Hassen, M. N. A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre, RS: Tomo Editorial.

Recebido em 26/07/2017

Aceito em 30/09/2017

Cristiano da Costa Flôres – Fisioterapeuta. Mestre em Gerontologia Biomédica, PUCRS. Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS. Pesquisador em gênero, diversidade sexual e saúde sexual do Idoso. Fisioterapeuta com consultório em Novo Hamburgo, RS. Palestrante nos temas de envelhecimento ativo e gerontologia preventiva, gênero e sexualidade.

E-mail: dacostaflores@gmail.com

Newton Luiz Terra - Doutor em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Mestre em Educação, PUCRS. Coordenador dos cursos de especialização em Geriatria Clínica e Preventiva, do Curso de Especialização em Educação Física Gerontológica e diretor do IGG-PUCRS. Áreas de atuação: Geriatria Clínica e Preventiva. Linha de pesquisa: Aspectos clínicos e emocionais do envelhecimento.

E-mail: nlterra@pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br